



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MATHEUS CAVALCANTE ESPÍNDOLA PINTO

**ANALISANDO O DIÁRIO COMO FONTE HISTÓRICA:
O diário de Anne Frank (1942-1944)**

MATHEUS CAVALCANTE ESPÍNDOLA PINTO

**ANALISANDO O DIÁRIO COMO FONTE HISTÓRICA:
O diário de Anne Frank (1942-1944)**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção do Título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Piauí – UFPI/CSHNB.

Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

P659a

Pinto, Matheus Cavalcante Espíndola.

Analisando o diário como fonte histórica: o diário de Anne Frank (1942-1944)
/ Matheus Cavalcante Espíndola Pinto – 2025.
53 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí,
Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte”.

1. Diário - fonte histórica. 2. Antissemitismo. 3. Anne Frank. I. Pinto, Matheus
Cavalcante Espíndola. II. Duarte, José Lins. III. Título.

CDD 940.5318

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835

MATHEUS CAVALCANTE ESPÍNDOLA PINTO

**ANALISANDO O DIÁRIO COMO FONTE HISTÓRICA: O DIÁRIO DE ANNE
FRANK (1942-1944)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito
para a obtenção de nota da disciplina de TCC II.

Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte

APROVADO EM 03/07/2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSE LINS DUARTE

Data: 04/07/2025 14:32:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Lins Duarte – Orientador
Universidade Federal do Piauí



Documento assinado digitalmente

RAFAEL RICARTE DA SILVA

Data: 04/07/2025 16:40:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva – Examinador
Universidade Federal do Piauí



Documento assinado digitalmente

RONYERE FERREIRA DA SILVA

Data: 04/07/2025 17:49:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva – Examinador
Universidade Federal do Piauí

Dedico este trabalho a minha avó, Maria das
Graças da Silva Sousa.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui não foi fácil, diversas turbulências e provações apareceram ao longo dos anos. Portanto, reservo esse momento para agradecer àqueles que de alguma forma estenderam suas mãos e foram importantes de alguma na minha jornada.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ser meu suporte, alicerce e guia nos momentos em que achei que estivesse perdido, por nunca me abandonar nem nos momentos em que mais estive distante dele. O seu amor me salvou de tantas maneiras que sou incapaz de descrever cada um desses momentos.

A minha família, sem eles eu não alcançaria caminhos que sempre sonhei em percorrer. Minha avó, Maria das Graças da Silva Sousa, por ter trabalhado mais de 65 anos de sua vida como costureira, a matriarca da família trabalhou incansavelmente para que seus filhos e netos tivessem oportunidades que ela não teve. Ao meu avô, Francisco Cavalcante de Sousa, que fazendo chuva ou sol, exerceu a função de padeiro e pedreiro por mais de 55 anos para que nunca faltasse mantimentos em casa, ambos não concluíram seus estudos, mas foi a partir de seus sacrifícios e suporte que eu pude chegar até aqui.

A minha mãe, Elaine Cavalcante Espíndola Pinto, pela difícil escolha de largar os estudos para doar a sua vida como uma excelente dona de casa e uma excepcional mãe. Ao meu pai, Edvaldo Espíndola Pinto, outro que não terminou os estudos, desde sua infância teve que trabalhar para conseguir algum sustento, sua infância foi trocada e perdida pelo trabalho. Destaco uma frase que meu pai sempre dizia e até hoje ecoa em meus pensamentos “Eu trabalho para que você consiga o que eu não consegui, para que você não passe e não sofra o que seu pai passou e sofreu.” esse homem sempre será meu exemplo de força e determinação, tenho muito orgulho de ter excelentes pais.

Não poderia deixar de mencionar minha companheira, Janielly Gonçalves Lourenço, a pessoa que aceitou trilhar os caminhos e desafios da vida ao meu lado, que esteve comigo tanto nos momentos bons como nos ruins e difíceis, me dando suporte, força e apoio, sentimentos esses que são e perpetuarão sendo mútuos. Em meio as turbulências da vida, encontra-la foi uma das coisas que mais serei grato.

Aos amigos que fiz nessa trajetória acadêmica, Antônio Max Guimarães de Carvalho, a qual meu primeiro contato com ele, foi quando ele foi meu monitor, desde então, estabelecemos uma boa amizade, sou muito grato pelos seus conselhos e parceria. O meu grande amigo Jahells Silva Holanda, que esteve comigo desde o início dessa jornada, seja nos estudos, apresentações

de seminários, nas conversas em que debatíamos sobre a incerteza do futuro, além dos ótimos debates que vão além da esfera acadêmica.

Complemento com Weika dos Reis Costa, por sempre me ajudar quando precisei de algo, tem minha gratidão. Maria Walkescia de Moura, Ricardo dos Santos Barros, Ismael da Silva Lima e Ivo da Silva Soares pela amizade e momentos que guardarei em minha memória e coração. São pessoas que quero levar para além do âmbito e vivência acadêmica.

Agradeço o meu orientador, José Lins Duarte, por ter gostado e aceitado a proposta de me orientar em uma pesquisa que tive prazer em fazer, sempre lembrarei de seus ensinamentos, orientações, das boas conversas sobre futebol e demais assuntos que são importantes e mostram uma boa relação além da esfera universitária, tem meu respeito e admiração.

Também sou grato a todos os professores da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campos Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB, a qual tive contato e o prazer de ser aluno, tenham a certeza de que aprendi muito com seus ensinamentos e particularidades que os tornam únicos. Foi a partir de suas individualidades e dedicação ao ensino que contribuíram de maneira significativa e gratificante para minha carreira acadêmica e pessoal.

Por fim, agradeço as bolsas remuneradas que consegui ao longo desses anos dedicados ao estudo, o dinheiro nunca será o foco quando se preza por uma boa educação, mas é crucial para a permanência dos discentes na árdua jornada da graduação. Portanto, sou grato pela oportunidade de ter recebido a Bolsa de Apoio Estudantil – BAE, como também o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência – PIBID e ao Programa de Monitoria, foi a partir desses auxílios que não desisti e consegui me manter estudando.

RESUMO

A respectiva pesquisa tem como finalidade analisar a escrita pessoal como fonte histórica, utilizando o diário de Annelies Marie Frank como base, considerando o recorte temporal em que foi escrito, de 1942 a 1944. Em primeira instância, faremos uma divisão dos contextos sociais, políticos e religiosos, ao qual a autora estava inserida, a partir do que as entrelinhas de sua escrita nos mostram. Consequente, observaremos as drásticas mudanças do seu cotidiano após o âmbito crescente da Segunda Guerra Mundial, Nazismo e Antissemitismo afetar diretamente sua vida como uma judia. Diante disso, analisaremos como esses fatores afetaram o seu dia a dia, sua escrita e em como podemos problematizá-las e utilizá-las, promovendo um debate sobre os limites, os cuidados e as possibilidades acerca desse documento. Para essa finalidade, utilizaremos, além da fonte propriamente dita, revisão bibliográfica, visando assim, alcançarmos a proposta da pesquisa, orientando-nos com autores que permeiam a temática como Ângela de Castro Gomes (1998; 2004), Maria Teresa Santos Cunha (2005; 2009), Hannah Arendt (2013), Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa (2022), entre outros.

Palavras-chave: A escrita de si; Diário; Fonte Histórica; Antissemitismo; Anne Frank;

ABSTRACT

This research aims to analyze personal writing as a historical source, using the diary of Annelies Marie Frank as the basis, considering the time period in which it was written, from 1942 to 1944. First, we will examine the social, political, and religious contexts in which the author was immersed, as revealed between the lines of her writing. Next, we will observe the drastic changes in her daily life as the escalation of World War II, Nazism, and antisemitism began to directly impact her life as a Jewish girl. In this context, we will analyze how these factors influenced her day-to-day experiences and her writing, and how we can critically examine and utilize this document to foster a discussion about its limits, necessary precautions, and potential as a historical source. To this end, we will rely not only on the primary source itself but also on a bibliographic review, guided by scholars who engage with this subject, such as Ângela de Castro Gomes (1998; 2004), Maria Teresa Santos Cunha (2005; 2009), Hannah Arendt (2013), Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa (2022), among others.

Keywords: Self-writing; Diary; Historical Source; Antisemitism; Anne Frank

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. “QUERIDA KITTY”, CONTEXTUALIZANDO-SE NOS ÂMBITOS SOCIAIS, DA ESCRITA, POLÍTICA E RELIGIÃO.....	13
2.1 O antissemitismo.....	16
3. A OUTRA FACE DO HOLOCAUSTO.....	24
3.1 A SS (Schutzstaffel) e a Gestapo.....	25
3.2 O Anexo Secreto.....	29
4. LIMITES, CUIDADOS, PROBLEMÁTICAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO DIÁRIO COMO FONTE HISTÓRICA.....	35
4.1 Mudanças de perspectivas: o externo afetando o interno.....	40
4.2 Annelies Marie Frank.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48
Fonte	48
Bibliografia	48

1. INTRODUÇÃO

Para estudarmos a História, utilizamos documentos que transformamos em fontes de estudos, para que assim possamos nos aprofundar e compreender a história desse material e as demais características acerca dele. Com isso, a respectiva pesquisa tem como finalidade analisar a escrita pessoal por meio do diário como fonte histórica, considerando suas possibilidades, limites, problematizações e os cuidados necessários ao utilizar-se esse tipo de documentação. Diante dessa proposta, utilizarei o diário de Annelies Marie Frank, mais conhecida como Anne Frank, como base e fonte de análise, a partir disso, identificarei quais contextos a autora estava inserida diante sua escrita, adentrando em como ou se, esses contextos podem modificar um relato intimista e a sua narrativa, trazendo um debate sobre o que eles podem revelar do ponto de vista histórico.

Ressalta-se que o recorte temporal da pesquisa corresponde ao período em que o diário foi escrito, de 12 de junho de 1942 a 1º de agosto de 1944. Baseando-se nisso, adentraremos nas entrelinhas de sua escrita, identificando o viés e os intuitos acerca dela, compreendendo os motivos da autora em relatar sua vida pessoal em um diário, analisando se a autora queria ou não que seu diário fosse lido, publicado ou divulgado. Outrossim, trazer questões e abordagens da fonte, com o objetivo de debater seu valor e contribuições, refletindo sobre como analisá-la na perspectiva de um documento histórico.

A justificativa para essa pesquisa se difere e se complementa em dois pontos, o acadêmico e o pessoal. Perante o âmbito acadêmico, historiograficamente, a escrita pessoal como documento de estudo, não é tão reconhecida ou utilizada como fonte histórica, diários e cartas, sendo só alguns exemplos desse tipo de escrita. Sua relevância aumentou nas décadas finais do século XX, com isso, conseguiu mais reconhecimento, vindo a ser mais utilizado e estudado.

Entretanto, essa perspectiva é perante aqueles sujeitos com renomes sociais, que tem, de alguma forma, relevância social no contexto em que vivem ou viveram, como é o caso da carta de Pero Vaz de Caminha, que escrevia cartas para o rei de Portugal, sendo bastante utilizadas para estudar os primeiros contatos entre os portugueses e os povos indígenas no Brasil ou as cartas de Getúlio Vargas, que são analisadas e aprofundadas para compreender ainda mais as entrelinhas desse político de renome na história do Brasil.

As cartas, diários e escritas pessoais de sujeitos tidos como comuns ou anônimos socialmente, ainda encontram dificuldades, são menos usadas e estudadas como fontes históricas. Diversos intelectuais, pesquisadores e estudantes optam por utilizar outras fontes,

pois a veracidade desse tipo de documento e escrita, ainda é debatida até os dias atuais, fazendo com que evitem ou usem outras fontes.

Logo, a respectiva pesquisa pretende mostrar como analisar esse tipo de escrita, problematizando-a, mostrando sua complexidade, os cuidados que devemos ter, as suas potencialidades e amplitudes. Mesmo sendo uma fonte subjetiva, que aglomera diferentes tipos de interpretações, ela é fundamental para compreendermos a história pela perspectiva de diversos sujeitos sociais, até mesmo aqueles tidos como desconhecidos, e a partir do seu ponto de vista, compreender todos os contextos que o cerca mediante a sua escrita e diário como fonte de investigação histórica.

Na questão pessoal, surge à vontade e interesse em pesquisar e analisar o diário de Anne Frank, devido ao fato de ter sido a primeira obra que me prendeu ao mundo literário. Nenhum outro texto, escrita ou história me instigou e me encantou ao ponto de querer estudar e se aprofundar mais sobre aquilo que foi exposto e discorrido, além de ter sido a primeira obra que eu li por completo, todos os demais livros e escritas que passaram em minha vida, não conseguiram despertar a vontade de lê-los, muito menos de pesquisar sobre eles.

O diário de Anne Frank é o responsável por estimular e provocar o meu interesse pela história, de maneira tão relevante que, após terminar sua leitura, refleti muito sobre e decidi voltar a estudar para passar em um vestibular e consequentemente entra em um curso de ensino superior em História, pois meu conhecimento histórico era pouco, o que só aumentava mais à vontade e interesse em estudá-la. Até então, o foco da minha vida era o trabalho, visto que, após o ensino médio, não tive nenhuma vontade de entrar em algum curso superior, minhas perspectivas e metas eram outras, mas foram mudadas após essa leitura.

O âmbito acadêmico e pessoal para essa pesquisa complementam-se, no sentido de que, agora com um olhar de um historiador em formação e com o viés acadêmico, vou analisar essa escrita e obra com novas perspectivas que eu não tinha antes quando fiz minha primeira leitura desse diário. Sem a carga teórica, prática e os conhecimentos ganhos após anos de estudos e debates históricos, na universidade e mundo acadêmico, eu não pude perceber e nem notar as entrelinhas, nuances e nem as características desse tipo de fonte.

É nesse sentido que o viés pessoal e acadêmico se complementarão, saindo de uma leitura cotidiana e sem nenhum aporte teórico, para uma pesquisa, estudo e análise aprofundada, com acervo teórico, bibliográfico e metodológico, além da supervisão e orientações para a respectiva pesquisa.

No campo metodológico, trata-se de uma pesquisa documental, de caráter analítico e crítico, com abordagens qualitativas. Nesse sentido, a metodologia que será utilizada na

pesquisa, será a Análise de Conteúdo, tendo como referências para isso, os intelectuais Guilherme Saramago de Oliveira, Márcia Regina Gonçalves Cardoso e Kelma Gomes Mendonça Ghelli (2021). E, a partir disso, identificaremos e compreenderemos o contexto religioso, político e social que a autora estava inserida, entendendo se isso afetou a sua escrita e se os fatores internos e externos podem afetar essa escrita pessoal. Esse tipo de escrita será abordado aqui como a *Escrita de si* (Gomes, 2004).

Um dos pontos que serão abordados nos capítulos, é a compreensão de que não podemos agir ou usar a fonte como uma verdade absoluta, como se tudo que estivesse escrito nela, fosse verídico. Perante isso, devemos aumentar nosso olhar crítico como historiadores e não deixarmos nos levar pela parcialidade ou um só ponto de vista quando estudamos ou pesquisamos alguma temática.

É nesse sentido que outra metodologia fomentará e complementarará a pesquisa, sendo a Revisão Bibliográfica, que ampliará nossos pontos de vista, tornando nossa visão panorâmica sobre os acontecimentos, documento e contextos acerca dele, perfazendo-se a complementação do aporte teórico e bibliográfico com autores que permeiam a temática, como Ângela de Castro Gomes e o conceito discorrido por ela da *Escrita de si* (2004), Maria Teresa Cunha (2000; 2005; 2009; 2013; 2019;) e Márcio Couto Henrique, Sara da Silva Suliman (2012) para discussões sobre o diário, Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa (2022), Viviane Barbosa Cruz (2021) e Hannah Arendt (2013) sobre o contexto e luta dos judeus antes e durante a Segunda Guerra Mundial, Michael Pollak (1989) e Jô Gondar (2008) para contribuições acerca da memória, José D'Assunção Barros (2012) e Carla Bassanezi Pinsky (2008) para entendermos o que pode ser considerado uma fonte histórica e seus aspectos, Nelia Del Bianco (2018) e Gisela Swetlana Ortriwano (2014) para abordagens sobre o rádio, Contardo Calligaris (1998), Leonardo dos Santos Neves (2010), Márcio Couto Henrique (2012), Ingrid Zacarelli Brito (2011), Vania Grim Thies (2023).

Diante disso, conseguiremos compreender como os contextos que a autora estava inserida impactaram toda a sua vida e consequentemente a sua escrita, analisando o porquê sua questão religiosa afetou diretamente os outros âmbitos como o social e político. É com o seu diário que iremos nos imergir e nos aprofundar nas questões que os judeus passaram nas sociedades que implementaram o antissemitismo e o preconceito contra esse povo tido e tratado como inferiores.

Dessa forma, entenderemos como era suas relações com os demais membros da sociedade que viviam, quais privações tiveram, o que eram e como funcionava as leis

antisemitas que foram propostas pelos nazistas e implementadas por Adolf Hitler na Alemanha, quando o mesmo, consegue poder político e social para tal feito.

Outrossim, as perseguições e falta de direitos civis e morais que o povo judeu passou, tanto no sentido pré-guerra, quanto durante a Segunda Guerra Mundial até chegarmos na outra face do holocausto, onde veremos e entenderemos o medo, a insegurança, a vivência e esperança de uma jovem judia que foi perseguida e privada de ter sua liberdade, mas como um ato de resistência, deu voz e mostrou o lado daqueles que estavam além dos campos de concentrações.

É válido ressaltar que a respectiva pesquisa foca em analisar e adentrar na escrita daqueles sujeitos descritos como desconhecidos socialmente, sem terem grandes renomes sociais onde viveram. Nesse sentido, o diário de Annelies Marie Frank será analisado diante todos os pontos aqui citados, mas somente no momento de sua escrita, sem focar na fama que ele veio ter após ser descoberto e consequentemente publicado, saindo assim do viés privado para o público.

O diário e escrita de Anne Frank nos mostrará diversas questões, o sujeito tido como comum e anônimo socialmente, o antisemitismo implementado em sociedades nazistas, o cotidiano dos judeus que estavam escondidos por serem perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial, as privações que tiveram em suas vidas, os meios que usaram para sobreviver a condições desumanas, a questão de suas individualidades perante a sociedade em que viveram, a escrita si, perfazendo assim, uma narrativa e memória que pode ser individual ou coletiva. O documento analisado, proporcionará uma imersão no cotidiano, pensamento e ações da autora, concluindo o objetivo de mostra como analisar, além de demonstrar a importância e relevância do diário como fonte histórica e as suas vastas potencialidades.

2. “QUERIDA KITTY”, CONTEXTUALIZANDO-SE NOS ÂMBITOS SOCIAIS, DA ESCRITA, POLÍTICA E RELIGIÃO

Annelies Marie Frank foi uma jovem alemã judia que viveu durante os anos de 1929-1945, no percurso de sua vida, utilizou sua escrita para descrever suas vivências em um diário que ganhou de aniversário quando tinha 13 anos, é esse diário que vamos analisar e assim compreender sua relação com a História. Portanto, o respectivo capítulo se aprofundará nos âmbitos em que a autora da fonte estava inserida, e a partir do estudo de sua escrita, perceberemos as entrelinhas desse documento, aprofundamo-nos nas suas questões sociais, políticas, religiosas e em se ou de que forma podemos utilizar esse documento como fonte histórica.

Anne Frank nasceu em Frankfurt na Alemanha, de família judia, seus pais decidem sair da Alemanha devido a crescente ideologia do nazismo, raça ariana e leis antissemitas¹, pois eles temiam que sua família fosse perseguida, devido ao fato de que o povo judeu estava recebendo ataques e sendo acossados, além de estarem perdendo sua liberdade e autonomia na sociedade em que viviam. Diante disso, decidem ir para os Países Baixos, na Holanda, tentar uma nova vida sem o medo de não poderem circular e manterem suas vidas normalmente por serem judeus. Na Holanda, o pai da família Frank conseguiu se estabilizar, dando uma boa estrutura para sua família, com uma boa moradia, alimentação e educação para suas filhas.

Destarte, conseguimos perceber os primeiros indícios da relação que iremos nos aprofundar entre a religião da autora, os acontecimentos políticos e sociais que cercavam sua vida. Sendo válido destacar que o seu diário foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial e que essas questões internas e externas podem afetar uma escrita pessoal e privada, que será descrita aqui como a escrita de si de acordo com Ângela de Castro Gomes (2004).

Sobre o seu diário, a sua escrita, sua interpretação acerca disso e o que terceiros poderiam achar, a autora diz:

Sábado, 20 de junho de 1942

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente por que nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem meus eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e necessidade ainda maior de desabafar tudo que está preso em meu peito (Frank, 2022, p. 16).

¹ As concepções de Nazismo, Antissemitismo e Raça Ariana são com base nas contribuições de Hannah Arendt em sua obra *Origens do Totalitarismo* (2013).

Aqui, aparece as primeiras nuances da autora, ela nunca tinha exercido a atividade de escrita em um documento desse viés, outrossim, refletia sobre a falta de interesse que as demais pessoas poderiam ter diante a escrita de uma jovem de 13 anos. Entretanto, seu interesse não era em mostrar sua escrita para outros sujeitos “não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário” (Frank, 2022, p. 16), ela queria ter a oportunidade de escrever sobre tudo aquilo que guardava para si, com isso, começou a escrever em seu diário.

A autora trata seu diário como se fosse uma amiga que ela pudesse se abrir emocionalmente, ela tinha colegas e até mesmo amigos, mas nenhum em que ela confiasse fielmente as suas questões mais íntimas e profundas. Nesse sentido, ela começa a descrever suas situações e questões vividas do seu dia a dia em seu diário, o nomeando como Kitty, “quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar essa amiga de Kitty” (Frank, 2022, p. 17).

Ângela de Castro Gomes fomenta esse pensamento de autores que escrevem para si, no intuito ou necessidade de se abrirem e não guardarem mais o que queriam expor. Nessa perspectiva, o diário faz o papel de amigo ou companheiro a qual o escritor poderia ser sincero e verídico em suas palavras e descrições “O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando uma prova de sinceridade” (Gomes, 2004, p. 20).

Nesse sentido, até o momento, a sua escrita se insere no âmbito pessoal e privado, pois ninguém tinha acesso ao seu diário e muito menos ao conteúdo escrito nele. Sobre a veracidade, cuidados, lacunas e problemáticas acerca do diário como fonte, será abordado e aprofundado no capítulo 3.

A escrita de Anne Frank pode ser percebida em pelo menos duas formas ou momentos, o primeiro é o de uma jovem que traz abordagens que descrevem seu dia a dia, com uma escrita descontraída, percorrendo sobre a sua relação com a sua família, os colegas da escola, os professores e os tipos de atividades que eles passavam para ela, os vizinhos, os locais que gostava de frequentar e até mesmo sobre suas relações amorosas.

Descrevia sobre seus pretendentes, os sentimentos que ela desfrutava e sentia quando um jovem cavalheiro a acompanhava até sua casa após as aulas, quando alguém ia visitá-la em sua casa, a chamando para tomar sorvete ou andar de bicicleta, como podemos perceber na sua descrição de como foi seu dia 24 de junho de 1942:

Ontem de manhã, aconteceu uma coisa incrível. Enquanto eu passava pelo bicicletários, ouvi alguém chamar meu nome. Virei-me e lá estava o garoto legal que eu tinha conhecido na tarde de ontem na casa de minha amiga Vilma. Ele é primo em segundo grau de Vilma. Eu sempre achei Vilma legal, e ela é, mas ela só fala de garotos, e isso é uma chatice. Ele veio em minha direção, meio tímido e se apresentou

como Hello Silberberg. Fiquei meio surpresa e não sabia bem o que ele queria, mas não demorei muito a descobrir. Ele me perguntou se poderia me acompanhar até a escola. [...]Essa manhã ele estava me esperando de novo, tomara que daqui em diante esteja sempre (Frank, 2022, p. 23).

De primeira instância, pode aparecer indagações ou reflexões sobre o porquê analisar um diário que descrevia coisas cotidianas de uma jovem tida como comum ou anônima em uma cidade da Holanda, e em que momento, medida ou forma, nós historiadores poderíamos usar esse relato e documento como fonte histórica. Maria Teresa Cunha nos ajuda a pensarmos sobre isso e fomenta o viés dessa análise, nos dizendo que é com o diário que podemos nos aprofundar nas formas e maneiras de viver, de pensar e de agir de cada indivíduo, entendendo que cada sujeito na sociedade tem sua individualidade e está inserido em um contexto diferente, seja econômico, político, religioso ou social, e que, diante disso, torna-se relevante estudá-lo como fonte (Cunha, 2009).

Outro ponto que podemos notar perante a escrita inicial da autora, é que seu viés não é o de uma escritora que escrevia ou pretendia escrever algo para o âmbito histórico, como se ela tivesse uma perspectiva de que os relatos e descrições em seu diário um dia seriam pesquisados e analisados. Todavia, a sua escrita entra em um segundo momento, devido ao contexto político, social e religioso que ela estava inserida, eclode assim, a Segunda Guerra Mundial. Esse acontecimento muda e afeta drasticamente a vida da autora. Após isso, ocorre uma mudança em relação ao que era o viés inicial da escrita do respectivo diário.

A família Frank já tinha em mente que suas vidas poderiam mudar radicalmente, sabendo disso, eles já vinham se preparando, mesmo que não tivessem feito nada de errado socialmente, eram apenas judeus tentando uma nova vida. Sobre isso, a autora destaca seu medo quando essa conversa veio à tona:

Há alguns dias, enquanto dávamos um passeio pela praça perto de casa, papai começou a falar sobre se esconder. Falou que para nós seria difícil viver se nos relacionarmos com o resto do mundo. Perguntei porque ele tinha puxado aquele assunto.

– Bom, Anne – respondeu ele –, você sabe que há mais de um ano estamos levando roupas, comidas e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam apanhados pelos alemães. E também não queremos cair nas garras deles. Por isso vamos embora por vontade própria, sem esperar que eles nos levem. Papai parecia tão sério que fiquei apavorada (Frank, 2022, p. 28).

Para entendermos esse medo e precaução que a família Frank teve em se prepararam para fugirem de um local que era para ser o seu refúgio, a Holanda, e planejarem se esconder em outro, devemos nos aprofundar no contexto religioso dessa família e a sua relação com a

política da época, e com isso, compreendermos o porquê essas questões estavam afetando diretamente as suas vidas.

2.1 O antissemitismo

O antissemitismo é a ideologia que trata as pessoas de origem semita como sujeitos inferiores, devido a questões étnicas ou religiosas, a qual muitos foram perseguidos e mortos por conta desse pensamento de superioridade, preconceito ou intolerância com relação a religião dessas pessoas, principalmente quando adentramos na Alemanha Nazista e a questão da intitulada raça ariana². Mediante isso, aprofundaremos a relação dessas ideologias interligando-as com a respectiva fonte da pesquisa, dialogando e nos fundamentando com autores que permeiam a temática como Hannah Arendt (2013), Josefa Robervania de Albuquerque Barbosa (2022), Viviane Barbosa Cruz (2021), Marta Magalhães dos Santos (2012).

Salienta-se, que o debate e análise do antissemitismo correlacionando com o diário e a autora Anne Frank, será perante o século XX, mais necessariamente nas décadas de 30 e 40. O preconceito e indiferença contra os judeus não foi um elemento novo do século XX, entretanto, esse viés aumentou na Alemanha Nazista, sobretudo quando Adolf Hitler cresce politicamente e socialmente na Alemanha, implementando assim, mudanças sociais, políticas e ideológicas.

Após a Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes, os alemães estavam com diversos sentimentos devido as situações em que se encontravam. Sobre isso, Viviane Barbosa Cruz nos diz que “o país estava em meio a um colapso econômico, político e social, sofrendo interferências das potências estrangeiras Inglaterra, França e Estados Unidos, sendo submetida a determinações impostas pelo Tratado de Versalhes” (Cruz, 2021, p.12).

Este cenário gerou e resultou sensações de humilhação e vergonha para os alemães, que culminou em ódio e um sentimento de quererem um maior e melhor nacionalismo, no sentido de diversos sujeitos estarem insatisfeitos com a atual situação que a Alemanha estava, e com isso, queriam mudanças. Adolf Hitler foi um dos sujeitos que falava e abordava tais questões, dizendo que queria e iria mudar isso, logo “surgem partidos políticos conservadores, que tinham como principal objetivo a recuperação econômica do país e o não cumprimento das cláusulas do Tratado de Versalhes” (Cruz, 2021, p.12). É nesse ponto que Hitler percebe a oportunidade

² Aqui, os sujeitos referidos são os judeus, diante o recorte temporal da década de 30 e 40 do século XX, onde, mesmo havendo outros que possam se encaixar nessa perspectiva, a pesquisa tem como foco o povo judaico.

de crescer socialmente e politicamente no cenário alemão, tal acontecimento afetará diretamente e indiretamente a vida de milhares de judeus, além de ampliar o viés antissemita.

Surge assim, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, sendo o Partido Nazista, onde “As principais bandeiras desses movimentos eram o antissemitismo e o anticomunismo” (Cruz, 2021, p.12-13). Antes mesmo de chegar ao poder se tornando chanceler, Adolf Hitler já demonstrava que não gostava dos judeus e que os culpavam pela situação que a Alemanha estava, argumentava que o atual governo e partidos políticos eram fracos, logo, precisariam ser modificados.

Após diversas propagandas, discursos e divulgações dos ideais nazistas, surgem novos apoiadores, em 1930, o partido nazista passou de 12 representantes no parlamento alemão para 107, um número e crescente significativo. E, em 1932, Adolf Hitler ganha a eleição com milhares de votos, conseguindo um grande poder, mas não algo absoluto, todavia, no ano seguinte, em 1933, foi nomeado e consolidado como Chanceler da Alemanha, e por conta da lei de Enabling Act³, seu poder se torna absoluto na Alemanha, acima das leis já em vigor e da constituição nacional.

A Alemanha entra em um regime com um ditador, com um sistema nazista baseado em ideologias de superioridade, antissemitismo, perseguição e a intitulada raça ariana. Com Hitler no poder a democracia regrediu, a liberdade de expressão se esvaia e o medo dos que não eram tidos como seus, cresce. Após se tornar chanceler e com suas ordens diretas, são implementadas leis antissemitas no território alemão, sendo conhecidas como as Leis de Nuremberg, que foram aprovadas em 15 de setembro de 1935. Os judeus se tornaram um dos povos que mais sofreram com essas mudanças legislativas e sociais.

As Leis de Nuremberg⁴ são essenciais para o nosso entendimento quando queremos adentrar no antissemitismo que a autora da fonte e diversos outros sujeitos vivenciaram, é a partir desse ponto, que a perseguição aos judeus aumenta de forma significativa e que marca a mudança expressiva na vida, não só de alguns, mas de milhares cidadãos judeus. Esse conjunto de leis caracterizou-se pela segregação e perseguição das pessoas com origem semita na sociedade alemã, sendo um total de três leis, A Lei de Cidadania do Reich, Lei de Proteção do Sangue e Honra Alemã e a Lei da Bandeira do Reich, para abordá-las usaremos as contribuições

³ Aprovada em 1933 na Alemanha, permitia a promulgação de leis sem a aprovação do parlamento ou da constituição, fazendo com que os últimos resquícios democráticos se esvaíssem, disponibilizando ao governante da época, Adolf Hitler, poderes ditatoriais.

⁴ Todas elas foram promulgadas durante o 7º Congresso do Partido Nazista em Nuremberg, por isso são reconhecidas como as Leis de Nuremberg.

da intelectual Marta Magalhães dos Santos, sobre as abordagens e características dessas leis, Santos diz:

[...] proteger o sangue alemão de todo o sangue não-puro, no interesse de preservar a pureza da nação alemã. Definiram até à exaustão as categorias de raça ariana, judia, metade-judeus, um quarto-judeus, casados com judeus e pureza racial. Esta medida foi usada para discriminar os judeus, para persegui-los e para os castigarem legal e oficialmente segundo a lei. Qualquer documento oficial deveria ter a indicação de ariano, judeu ou relação com judeu (Santos, 2012, p. 13).

Diante dessas leis e fomentando com as contribuições da autora, compreendemos que houve diversas proibições que giravam em torno de segregar a sociedade alemã, o casamento desses povos estava proibido, umas das justificativas era a não mistura dos seus sangues, pois para os alemães que compactuavam com essa ideologia da raça ariana, seus sangues eram puros, os judeus assim, eram taxados como seres impuros. Os judeus que fossem contra isso, seriam acusados e incriminados por corrupção ou crime sexual.

Notar-se-ia, que as leis também limitavam os sujeitos pela questão genealógica, aqueles que tivessem três quartos de sangue judeu, quando três de seus quatros avôs fossem judeus, também seriam considerados como judeus, mesmo que não se identificasse dessa forma ou cultuasse o judaísmo. Se sua origem não fosse semita, mesmo que você não tivesse parentes judeus, mas no decorrer de sua vida começou a praticar a religião judaica, essa pessoa seria considerada um judeu e seria proibida e privada de diversas atividades e direitos, uma delas era a sua cidadania como pessoa alemã.

Portanto, percebemos que os direitos dos judeus como cidadãos foram diminuindo até chegar ao ponto de não mais o terem. É diante tais perspectivas que as leis antissemitas modificaram e afetaram a vida de milhares de indivíduos, a população judaica estava sendo separada, discriminada e perseguida de forma oficial e crescente, pois nessa sociedade, os pontos aqui abordados contra os judeus, não eram tidos como crimes, já que, pela legislação implementada por Adolf Hitler, passou-se a ser lei agir de tais formas nessa sociedade, pois nela, os judeus não tinham mais nenhum direito como cidadãos alemães.

Dialogando-a com Hannah Arendt, a autora complementa esse pensamento, nos dizendo que as questões judaicas começaram a declinar de uma forma rápida e notável, o povo judeu já vinha sofrendo ao longo dos séculos, entretanto, outros povos também, mas com implementação das leis antissemitas instaladas na Alemanha e conseqüentemente nos territórios que a Alemanha conquistava, notou-se, uma maior e nítida perseguição em massa ao povo judeu (Arendt, 2013).

O antissemitismo alcançou o seu clímax quando os judeus haviam, de modo análogo, perdido as funções públicas e a influência, e quando nada lhes restava senão sua riqueza. Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães, onde por mais de cem anos

os judeus ocupavam posições-chave, já estavam quase judenrein — desjudaizados, e os judeus na Alemanha, após longo e contínuo crescimento em posição social e em número, declinavam tão rapidamente que os estatísticos prediziam o seu desaparecimento em poucas décadas (Arendt, 2013, p. 27).

A citação acima nos mostra que o povo judeu estava perdendo espaço social na Alemanha, perderam empregos, perderam o direito de estudarem nas escolas e universidades alemãs, muitos judeus perderam suas cidadanias após as Leis de Nuremberg, como é o caso da própria intelectual que estamos usando, Hannah Arendt, sendo alemã de origem judaica, que em 1937 perde sua cidadania e nacionalidade por ser judia, tornando-se assim, apátrida. Essas fundamentações nos ajudam a ampliar nossas visões sobre a situação dos judeus nessa sociedade, a ponto de estarem perdendo até seus direitos civis e sociais.

Tal contextualização torna-se fundamental para compreendermos os motivos que Otto Frank, pai de Anne Frank, teve em decidir se mudar da Alemanha, local que ele e toda sua família tinham estabilidade, parentes, convívio e moradia fixa, mas que muda após as leis antissemitas. Sobre isso a autora da fonte discorre:

Meu pai tinha trinta e seis anos quando conheceu minha mãe, que na ocasião contava vinte e cinco. Margot, minha irmã, nasceu em 1926, em Frankfurt. A 12 de junho de 1929, nasci eu, e, como somos judeus, emigramos para a Holanda em 1933 [...] O resto de nossa família, entretanto, sofreu todo o impacto das leis antissemitas de Hitler, enchendo nossa vida de angústias. Em 1938, depois dos pogroms, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, já contando setenta e três anos, veio morar conosco (Frank, 2022, p. 17-18).

Percebe-se, que a família Frank só decidiu se mudar da Alemanha quando Adolf Hitler se torna Chanceler em 1933, ele ganha as eleições em 1932, porém, é só no ano seguinte que seu poder aumenta em nível jurídico e legislativo, que eles se mudam. Isso se dá ao fato de que, após essas questões, é que são implementadas as leis antissemitas. Logo, isso nos mostra a preparação e que, a família Frank, estava ciente de que por serem judeus não poderiam mais perpetuar suas vidas naquele local, visto que suas liberdades estavam sendo tiradas. Diante disso, o medo e a insegurança cercaram os judeus, suas vidas foram ameaçadas, mudadas e suas rotinas afetadas “Longe de garantir a sobrevivência do povo judeu, o antissemitismo ameaçou-o claramente de extermínio” (Arendt, 2013, p. 32).

Agora, mais do que nunca, eles teriam que lutar por suas sobrevivências, com as ferramentas e formas que tivessem, para que suas vozes não fossem caladas, apagadas ou esquecidas, o diário foi o meio e mecanismo que a autora da fonte utilizou para isso, foi sua forma de manter-se viva, de dar voz ao povo judeu e ao que eles estavam passando.

Após chegar no novo local em que iam morar, na Holanda, Anne Frank nos diz que sua vida era boa, ela descreve sobre os anos que passaram lá após fugirem, as amizades que fez, os

novos vizinhos, a nova escola que iria frequentar, como era a atual sociedade em que ela estava inserida em comparação a Alemanha antissemita.

Entretanto, a autora sempre refletia sobre a situação dos judeus que continuaram na Alemanha, torcendo para que eles saíssem dessas situações precárias, além da preocupação com sua família que foi dissolvida, com parentes que fugiram para outras localidades, como é o caso de seus tios e primos(a) que foram para os Estados Unidos. Anne Frank, os judeus e sua família, só queriam um lugar que os aceitassem e que pudessem viver suas vidas sem perseguições ou leis contra suas liberdades.

O que parecia ser o recomeço de uma nova vida, sem perseguições, medo ou receio, muda quando a Alemanha conquista novos territórios e implementa as leis antissemitas nesses locais, um desses foi a Holanda, onde a família Frank estava morando. Sobre essa mudança, a autora descreve:

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram o sofrimento dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas (Frank, 2022, p. 18).

Diante disso, compreendemos que o novo contexto social da autora muda, pois na atual sociedade em que ela estava vivendo, também foram implementadas leis antissemitas que impactaram sua vida diretamente. Desse modo, as ações dos judeus na sociedade holandesa foram limitadas, rapidamente os judeus foram perdendo seus espaços sociais e a intolerância religiosa nessa região aumenta, seja pelo medo que essa população tinha perante o exército nazista ou por simplesmente não gostarem da vivência com a população judaica.

Os judeus foram proibidos de fazerem diversas atividades nessa sociedade, a escrita da autora da fonte, nos mostra como se propagou essas questões diante os contextos que ela estava inserida. A falta de liberdade se implementou em diversos âmbitos, a escola foi um deles “Em 1934 fui para a escola, o Jardim de Infância Montessori, e lá continuei. Ao terminar o 6ºB, tive de despedir-me da sra. K. Foi uma tristeza! Ambas choramos” (Frank, 2022, p. 19). A citação mostra que Anne Frank teve que mudar de escola, pelo fato de que após a efetuação das leis antissemitas na Alemanha e Holanda, os judeus só poderiam estudar em escolas israelitas “as crianças judias foram obrigadas a frequentar escolas israelitas” (Frank, 2022, p. 27).

Destaca-se, que após essas medidas restritivas para com essa população, diversas crianças judias não conseguiram vagas nessas escolas, pois o número delas era pequeno em comparação a demanda e aumento de sua procura. A sociedade estava se dividindo com base na religião, as medidas separavam os judeus das demais pessoas dessa sociedade, até mesmo

diante a educação. Hannah Arendt instiga essa perspectiva, pois para ela era nítido o declínio em diversos âmbitos sociais que estava acontecendo com o povo judeu e se isso continuasse, a população judaica não teria mais meios de sobreviver e aos poucos iriam desaparecer se a situação em que eles estavam não fosse mudada (Arendt, 2013).

Outro ponto relevante é que não existiam escolas israelitas em diversas localidades e para isso, boa parte dos judeus teriam que fazer uma grande locomoção diária para que conseguissem continuar com seus estudos, entretanto, como locomover-se em proporções distantes sem poder usar transportes? Visto que, outra das medidas dessas leis antissemitas, era a proibição dos transportes aos judeus “[...] os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andarem de carro, mesmo em seus próprios carros” (Frank, 2022, p. 18), em certos casos, até bicicletas não poderiam usar, caso acontecesse, seriam punidos. Logo, muitos não conseguiram continuar e completar seus estudos.

Os judeus estavam sendo deixados de lado nessa sociedade, eram tratados como sujeitos diferentes, a ponto de terem que usar uma estrela amarela que os distinguisse dos demais, para aqueles que os vissem, saberem que eram judeus. Eles não poderiam entrar em qualquer lugar como era antes ou como deveria ser em uma sociedade sem discriminação, se estivessem com fome, não poderiam comer em qualquer lugar, teriam que procurar comércios israelitas, mas não somente isso, eles estavam restritos de irem as ruas fazerem compras, só lhes era permitido em um determinado e reduzido horário, como podemos perceber no relato da autora “Só lhes era permitido fazer compras das três às cinco e, mesmo assim, apenas em lojas que tivessem uma placa com os dizeres: loja israelita” (Frank, 2022, p. 18).

Sobre outras diversas proibições impostas nessa sociedade, a autora complementa:

Os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair na rua entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de ir a piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou no de amigos após as oito da noite; os judeus eram proibidos de visitar a casa de cristãos; você não podia fazer nem isso e nem aquilo [...] Jaque sempre me dizia: Eu não ousa fazer mais nada, porque tenho medo de ser algo proibido” (Frank, 2022, p. 18).

Nesse ponto, para um maior aprofundamento nas questões abordadas, é interessante fazermos um papel ou termos a atividade de reflexão além da análise do conteúdo. Para adentrarmos nas entrelinhas dessa fonte, devemos nos situar nos contextos e situações que a autora e os judeus estavam passando, e diante disso, termos o ofício da alteridade. No sentido de nos colocarmos no lugar do outro e assim compreendermos as abordagens, identidades, particularidades e individualidades desses sujeitos, e o porquê ou se, essas questões tem relação

com o que estavam passando. Destarte, conseguiremos nos imergir nas vivências, acontecimentos e condições que o povo judeu passou nessa época e o seu contexto social, de maneira mais acentuada e profunda.

Com base na análise, atentamos e constatamos as diferenças sociais que estavam acontecendo nessa sociedade. Diferente dos outros membros, os judeus foram os mais afetados, isso não desmerece as situações dos demais sujeitos sociais, mas enfatiza a questão judaica. Assim, as suas liberdades iam se esvaindo, a insegurança aumentava, o agir normalmente foi demudado, a cada dia que passava novos decretos eram estabelecidos e o temor era tão grande que até para andarem sobre as ruas, existia aflição.

Tais fundamentações são estabelecidas após o testemunho de Anne Frank sobre o simples ato tentar sair para passear:

Fomos dar um passeio, e, ao trazer-me de volta, já passavam dez minutos das oito horas. Papai ficou zangadíssimo e achou que eu tinha feito muito mal, pois é perigoso para os judeus serem encontrados fora de casa depois das oito. Prometi-lhe que dali por diante estaria sempre em casa às dez para as oito (Frank, 2022, p. 26).

É diante disso, que distinguimos o povo judeu dos demais povos dessa sociedade, tais sujeitos, os de origem não semita, poderiam continuar seus estudos em qualquer escola, seus pais poderiam levá-los com seus transportes particulares ou públicos. O cristianismo era a principal religião do Países Baixo e da Holanda, o contato, amizade e relações entre si ou outras religiões lhes eram permitidos, contudo, desde que não fossem pessoas que cultuassem o judaísmo.

Andar pelas ruas, praticar quaisquer esportes, sentarem em suas calçadas até altas horas para conversarem, socializarem e distraírem as mentes, comerem em qualquer estabelecimento sem serem expulsos por terem uma faixa em seus braços que os diferenciavam e os diminuía como seres humanos, ato que desvalorizava e tirava os direitos civis e sociais dos judeus, não era um medo ou receio que os demais membros dessa civilização passavam ou tinham.

O sofrimento que a sociedade judaica estava passando ganha destaque devido ao antissemitismo e as diversas leis implementadas que tiravam suas autonomias e liberdades sociais, todavia, a situação amplia e se agrava com o avanço drástico das ações nazistas perante a Segunda Guerra Mundial.

No momento da escrita da autora, os judeus já estavam sendo mortos, a Segunda Guerra Mundial já estava acontecendo desde 1939 e Anne Frank sabia que ela e sua família poderiam ser presos e consequentemente mortos a qualquer momento. Josefa Barbosa complementa essa perspectiva nos dizendo que:

O sofrimento dos judeus durante a Segunda Guerra não se limitou aos campos de concentração e extermínio. A luta para não ser capturado pelos nazistas também ocasionou muito sofrimento, incluindo a separação familiar e as péssimas condições de sobrevivência de forma oculta (Barbosa, 2022, p. 10).

A escrita e diário pessoal, nos insere nas tensões cotidianas que o escritor está vivenciando ao expor e descrever o seu dia a dia. O testemunho e relato de Anne Frank nos mostra as entrelinhas daqueles que tiveram suas vidas mudadas após começarem a serem discriminados e perseguidos. O sofrimento, medo e angústia não se limitava somente aos campos de concentração, o que amplia o número de pessoas que sofreram diretamente com o antissemitismo.

Correlacionando as autoras, Hannah Arendt descreve que as “Vastas parcelas do povo judeu foram, ao mesmo tempo, ameaçadas externamente de extinção física e, internamente, de dissolução” (Arendt, 2013, p. 31). Nas sociedades em que o antissemitismo foi institucionalizado, os judeus colocados nessas situações, viram na fuga o meio para sobreviverem.

3. A OUTRA FACE DO HOLOCAUSTO

O respectivo capítulo focará em mostrar a outra face do holocausto, no sentido de olharmos para aspectos menos visibilizados e sem tanto foco, desse modo, trabalharemos para ampliar nossas visões sobre os acontecimentos que permearam os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, a qual compreenderemos outras dimensões mediante aquilo que está descrito na nossa fonte de pesquisa. A partir disso, adentraremos no cotidiano, olhar, descrições e vivências dos judeus, destacando e mostrando que os sofrimentos impostos a esse povo, foram além dos campos de concentrações.

Destarte, teremos como base escritos de quem os vivenciou, no caso dessa pesquisa, destacaremos os da família Frank. Dessa forma, ampliaremos os nossos conhecimentos e percepções sobre essa temática, com uma visão panorâmica que enfatiza a relevância de descritos de quem viveu em tais contextos e não somente de quem os viu, estudou ou ouviu. Portanto, daremos voz e lugar de fala para esses sujeitos, o que é imprescindível diante de uma análise histórica e documental.

A família Frank percebeu e compreendeu que para sobreviverem e se manterem seguros, precisariam fugir e se esconder em algum lugar. Diante disso, iniciaram um debate sobre tais questões e qual seria o rumo que tomariam:

[...] papai começou a falar sobre se esconder. Falou que para nós seria difícil viver sem nós relacionarmos com o resto do mundo. Perguntei porque ele tinha puxado aquele assunto. – Bom, Anne – respondeu ele –, você sabe que a mais de um ano estamos levando, roupas, comida e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam apanhados pelos alemães. E também não queremos cair nas garras deles. Por isso, vamos embora por vontade própria, sem esperar que eles nos levem. (Frank, 2022, p. 28).

Notar-se-ia, que o pai da autora já vinha preparando uma fuga, o medo e o contexto em volta dessa família fariam com que tivessem tamanha precaução e cuidado com o seu presente e principalmente com o seu futuro. Mesmo assim, a autora começa a sentir medo e insegurança com relação ao seu amanhã e ao que poderia acontecer com a sua família, sua relação cotidiana dava os primeiros indícios de que mais uma vez seria mudada, dessa vez, de uma forma mais drástica e intensa.

A precaução de Otto Frank, pai da autora, em já vim se preparando para uma fuga rápida caso acontecesse algo, estava certa. Durante a primeira semana de julho de 1942 um de seus principais medos se tornou realidade, a família recebeu uma notificação da SS, que debateremos mais a fundo no tópico 3.1. Para ajudamos a entendermos o peso dessa questão, a autora descreve como foi esse momento:

Às três horas a campainha tocou. Não ouvi porque estava na varanda, lendo preguiçosamente ao sol. Um pouquinho depois, Margot apareceu na porta da cozinha, parecendo muito agitada. — Papai recebeu uma notificação da SS — sussurrou ela. [...] Fiquei pasma. Uma notificação: Todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e celas solitárias passaram por minha mente. (Frank, 2022, p. 29)

3.1 A SS (Schutzstaffel) e a Gestapo

De acordo com Peter Longerich (2013) a SS ou Schutzstaffel⁵, em tradução, é algo como Tropa de Proteção ou Esquadrão de Proteção, essa organização detinha grande autonomia sobre questões perante os judeus e perante aqueles que eles definissem ou interpretassem como inimigos do sistema e ideologia nazista, além de serem, por um tempo, a guarda pessoal de Adolf Hitler. Seu poder era tanto “que possuiu a maior força de controle sobre as demais no período nazista (Longerich, 2013, p.82).

Marlon Douglas Martineli Coelho e Anízio Antônio Pirozi também nos ajudam a entender o porquê dos judeus e, consequentemente a família Frank, terem tanto medo dessa organização, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial

[...] a SS ganha jurisdição total para o controle dos locais e futuramente também tomaria posse das Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei (1939-1945), os esquadrões da morte, que seriam penalizados pelas mortes de vários alvos militares e civis contrários as regras nazistas ditadas no respectivo momento.” (Coelho; Pirozi, 2019, p.84).

Os judeus sabiam que se fossem encontrados pela SS seriam presos, torturados ou mandados para os campos de concentrações, esses sujeitos eram os responsáveis por caça-los e atormenta-los. Todavia, esse medo não cercava somente os judeus, qualquer um que ajudasse pessoas judias poderia ser preso ou até mesmo ter um destino pior, ninguém estava isento de ser capturado pela SS. Anne Frank mostra uma das diversas situações que isso aconteceu:

Acontece alguma coisa todos os dias. Hoje de manhã, o Sr. Van Hooen foi preso. Ele estava escondendo dois judeus em sua casa. Foi um golpe duro para nós, porque aqueles pobres judeus estão mais uma vez na beira do abismo, e também porque é algo terrível para o Sr. Van Hooen. (Frank, 2022, p. 313).

Não limitemos nosso pensamento perante essa organização como se ela fosse unicamente uma grande força militar a serviço do regime nazista, sua complexidade é mais ampla. A SS era um instrumento essencial de dominação ideológica que agia para garantir uma consolidação diante da visão totalitária de Adolf Hitler e do Partido Nazista. Seus integrantes

⁵ Fundada inicialmente em 1925, saiu de uma pequena unidade de guarda-costas para uma grande organização paramilitar de elite no sistema nazista.

não eram escolhidos por características superficiais como aptidões físicas ou porte militar, eles tinham que ter algo a mais, eram escolhidos com bases em seus princípios e lealdade, se compactuavam com a ideologia nazista, raça ariana e pura, se seriam pilares diante as ideologias e foco da nação.

Eles tinham que ter uma conduta que permeasse o ideal alemão, tinham que ser alemães puros, que fizessem juramentos solenes de lealdade absoluta ao Führer⁶, quase como uma doutrinação imposta a esses sujeitos para que só assim pudessem incorporar e fazer parte dessa organização. Essa instituição é responsável por campos de concentração e de extermínio, por disseminar o antissemitismo, autoritarismo, nazismo e crenças da superioridade de raça, como se eles fossem sujeitos superiores, puros e os judeus fossem impuros e inferiores, logo, diante seus pensamentos, isso justificaria suas ações.

São os executores das principais políticas raciais de sua época, atuou para a exclusão, perseguição, discriminação, tortura e morte de milhares de sujeitos no Terceiro Reich⁷, não se limitando somente a judeus, outros também sofreram com suas ações como os homossexuais, ciganos, pessoas com deficiências, entre outros, tornou-se em um símbolo de terror, de medo, onde aqueles que sabiam de suas ações, temiam diariamente por suas vidas.

Outro órgão que estava atuando e que os judeus detinham temor era a Gestapo, ela era a Polícia Secreta do Estado Nazista e estava agindo na Holanda. Essa organização foi um dos principais instrumentos de repressão e controle social nazista durante os anos de 1933 e 1945.

Atuava principalmente de forma oculta, espionando, investigando, vigiando e eliminando àqueles considerados suspeitos de irem contra o regime nazista, mesmo tendo diretrizes e normas a seguir, intelectuais como Frank McDonough (2016) descreve em sua obra, Gestapo, as muitas atrocidades e quebras de protocolos que essa instituição fez, onde eles agiam com o pretexto de estabelecer a ordem.

A Gestapo realizou diversas perseguições e silenciamentos, matando e torturando pessoas que, de alguma forma, eles achassem ou interpretassem que eram uma ameaça ao sistema nazista. Ressalta-se, que eles não perseguiam somente judeus, mas todos aqueles que pudessem ser alguma ameaça ao domínio e controle nazista, alguns exemplos dessa época e contexto são os social-democratas, liberais e comunistas, ou seja, qualquer um que agisse com

⁶ Palavra alemã que significa “líder” ou “guia”, no contexto do nazismo, esse título foi bastante usado por Adolf Hitler após assumir o poder absoluto na Alemanha, onde ele se intitulava dessa forma, consequentemente, seus seguidores também deveriam utilizar esse termo para referi-lo.

⁷ Nome dado ao regime ditatorial liderado por Adolf Hitler e pelo Partido Nazista na Alemanha entre 1933 e 1945, tendo como tradução “Terceiro Império” ou “Terceiro reino”.

uma conduta que eles considerassem “antialemã”. Apesar disso, os que mais sofreram e morreram devido a seus atos foram os povos judeus.

Para imergimos nessa abordagem, mediante tal contexto, destaco alguns relatos sobre ações da Gestapo durante o período da Segunda Guerra Mundial:

Hoje só tenho notícias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando todos eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo de concentração para judeus, em Drente. [...] Deve ser terrível em Westerbork. As pessoas não têm praticamente nada para comer e menos ainda para beber, já que só existe água uma hora por dia, e há somente um banheiro e uma pia para vários milhares de pessoas. Homens e mulheres dormem no mesmo cômodo, e as mulheres e crianças costumam ter as cabeças raspadas. Fugir é quase impossível; muitas pessoas têm aparência de judias, e são marcadas pelas cabeças raspadas. (Frank, 2022, p. 64)

Diante desse relato e das contribuições de intelectuais que estudam sobre, podemos perceber que a Gestapo agia diretamente na procura por judeus, nem aqueles que estavam escondidos tinham segurança ou conforto de viver um dia tranquilo, pois sabiam e compreendiam que a qualquer momento a Gestapo ou a SS bateriam em suas portas e os capturariam.

Seus destinos seriam os piores possíveis, em decorrência de que, ou sofreriam nos campos de concentrações, em situações humilhantes e desumanas, ou seriam assassinados, como podemos compreender na seguinte exposição:

Mas esse não é o fim das minhas lamentações. Você já ouviu falar a palavra refém? É a punição definitiva para os sabotadores. É a coisa mais horrível que você pode imaginar. Cidadãos importantes — gente inocente — são levados como prisioneiros para espera a execução. Se a Gestapo não conseguir encontrar o sabotador, eles simplesmente pegam cinco reféns e os colocam em fila diante de um muro. Você lê o anúncio da morte deles no jornal. (Frank, 2022, p. 65)

É nítido o medo que essas pessoas sentiam simplesmente por serem judeus, essas organizações estavam procurando os judeus para prende-los, da mesma forma, àqueles que os ajudassem. Foi por terem conhecimento das ações da SS e Gestapo que se preparam para uma possível fuga, a mesma, vinha sendo planejada e estruturada há um ano.

Isso nos mostra que eles sabiam que só pelo fato de serem judeus, teriam que optar por se esconderem da sociedade que os cercava, pois, da mesma forma que existiam pessoas que ajudavam os judeus a se esconderem, a se alimentarem e a se acalmarem em meio a essa extrema perseguição e discriminação, haviam sujeitos que não gostavam do povo judeu e os denunciavam para essas organizações que os capturavam.

É diante desse contexto, do recebimento da notificação da SS, que a família Frank não vê mais escolhas e foge novamente, antes, da Alemanha para a Holanda, agora, se mantiveram

na Holanda, mas em um esconderijo. Mesmo com todo esse planejamento e preparação para caso acontecesse o pior, o desespero veio.

Esconder — onde nos esconderíamos? Na cidade? No campo? Numa casa? Numa cabana? Quando, onde, como...? Eram perguntas que eu não podia fazer, mas que ficaram girando em meu pensamento. Margot e eu começamos a pôr nossos pertences mais importantes numa pasta da escola. A primeira que agarrei foi este diário [...] não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos. (Frank, 2022, p. 30)

Essa citação nos mostra muitos aspectos sobre a situação e sobre a autora do diário, analisando-a profundamente, podemos perceber vários elementos. Um dos pontos é que a autora não sabia para onde eles iriam ou poderiam ir, ela só sabia que ali ela não conseguiria mais viver. Diante disso, em um momento de desespero, ela se apegava ao que considera mais importante, como diversas pessoas em uma situação extrema fariam, entretanto, o que para ela mais importava não eram roupas, dinheiro ou bens materiais, mas sim o seu diário, mostrando assim, qual era o objeto de mais valor em sua vida.

Essa é a importância e relevância que a autora dá ao seu diário e a sua escrita, esse foi o meio que ela encontrou para se abrir e expor as nuances dos tormentos que os judeus sofreram além dos campos de concentrações. O diário e o ato de escrevê-lo diante o contexto e condições em que vivia, foram o mecanismo e ferramenta usadas por Anne Frank durante a Segunda Guerra Mundial, antisemitismo e ideologias nazistas. Desse modo, a autora utilizou-os para que sua voz e ações não fossem silenciadas, pois, a memória, persiste e vale muito mais do que um bem material.

Nesse sentido, diante desse planejamento prévio e a ajuda de terceiros, a família Frank consegue escapar das organizações nazistas. Perante isso, de uma fuga desesperada, cercada por medo, temor, anseio, mas planejada, a família evitou uma possível ida para os campos de concentrações, destino que milhares de judeus estavam tendo, como já evidenciado em citações anteriores.

Logo, conseguinte a esse acontecimento, suas perspectivas e vivências mudaram, não estavam mais vivendo normalmente na sociedade como sujeitos livres e nem presos nos campos de concentrações, eles adentraram ao que descrevo nessa pesquisa como a Outra Face do Holocausto. O concernente local, escolhido como fuga e possível abrigo, foi intitulado por Anne Frank como *O Anexo Secreto*, tal âmbito mostrará ser extremamente importante para adentrarmos ainda mais, e assim compreendermos, as entrelinhas e nuances das questões abordadas até aqui.

3.2 O Anexo Secreto

O Anexo Secreto mostra-se de extrema relevância para o aprofundamento dessa pesquisa. Ele foi o local que a família de judeus se escondeu, onde passaram boa parte da guerra escondidos, vivendo e sobrevivendo das maneiras que conseguiam. Perante isso, para nos situarmos nesse novo contexto, a autora descreve como era o anexo, todavia, a fim de evitar uma grande citação sobre cada porta, janela e escada do prédio, pois, a escritora tentou descrever cada detalhe que via, discorrerei aos poucos, com calma e enfatizando as principais informações do seu relato mediante o seu novo abrigo e refúgio.

A jovem Frank não sabia sobre o plano de fuga, vindo a ter conhecimento somente depois:

Só depois de já estarmos a caminho é que mamãe e papai começaram a me dizer alguma coisa do plano. Há meses que, na medida do possível, vínhamos mudando nossos bens, mantimentos e objetos de maior necessidade, e as coisas estavam suficientemente preparadas para que fôssemos nos esconder por nossa própria conta, no dia 16 de julho. O plano tivera de ser antecipado dez dias por causa da convocação, e, desse modo, nossas acomodações não estariam muito bem organizadas, mas teríamos de nos acomodar da melhor forma possível. O esconderijo seria no mesmo edifício onde papai tinha seu escritório (Frank, 2022, p. 32)

Notar-se-ia, que o esconderijo, o Anexo Secreto, foi estruturado e organizado no local em que seu pai trabalhava, dois pontos principais, de primeira instância, podemos debater nesse momento. O primeiro é que Otto Frank não era dono desse prédio e nem da empresa que funcionava nele, ele era somente um funcionário, portanto, sua autonomia perante esse local era pouca, tornando assim, uma missão quase impossível ter que esconder toda a sua família e pertences naquela localidade.

O segundo ponto se complementa com o primeiro, pois, para conseguirem se esconder nesse local, diante tal contexto, eles precisaram da ajuda de terceiros. Portanto, pessoas que não eram judias ajudaram diretamente a família Frank a se locomoverem até o anexo, fazendo dali sua nova morada. Essas pessoas os ajudavam não só a se esconderem, mas também a se manterem, pois em certos momentos, seus mantimentos, comidas e demais materiais iriam acabar. Esses sujeitos trabalhavam nesse prédio e foram fundamentais para a sobrevivência dessa família.

Vale ressaltar que não eram todos os funcionários desse prédio que tinham conhecimento de que ali morariam e se esconderiam pessoas judias, desse modo, nenhum dos demais que ali trabalhavam poderiam saber de sua existência naquele local, qualquer descuido poderia resultar em uma denúncia e uma possível ida para os campos de concentrações, fugir e

se esconder dos alemães, na perspectiva nazista, era considerado crime, resultando em destinos horríveis para aqueles que cometiam tais “crimes”.

Sobre sua nova morada a autora discorre:

Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio diferente de encarar a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são. O Anexo é um lugar ideal para se esconder. Pode ser úmido e torto, mas provavelmente não há esconderijo mais formidável em Amsterdam. Nem em toda a Holanda. (Frank, 2022, p.36)

A autora tinha compreensão da sorte que tinha, muitos aspectos tiveram que se alinhar para que ela pudesse está nesse local ao invés de um campo de concentração. Esse é mais um ponto que mostra e fomenta a perspectiva do seu diário ser uma fonte de extrema importância para estudarmos outras questões judaicas no contexto da Segunda Guerra Mundial, é um olhar e foco no que ocorreu além dos campos de concentrações e campos das batalhas. Dessa forma, estamos nos imergindo em outro lado dessa história, que se complementa com as demais, logo, seu estudo é imprescindível.

Complementando as ações da fuga para o anexo, foram pensadas questões além do presente momento que eles estavam, nota-se isso, quando a autora diz que “As camas desarrumadas, as coisas do café da manhã sobre a mesa, a carne para a gata na cozinha, todas essas coisas davam a impressão de que havíamos saído apressadamente.” (Frank, 2022, p.31) fizeram isso propositalmente.

Tais ações foram exercidas para que não se percebesse que eles iriam fugir ou que tal fuga teve um grande planejamento com ajuda de terceiros para se concretizar, se houvesse uma pequena possibilidade de desconfiarem que alguém daquela região os ajudou, resultaria em tumulto. A família Frank consegue converter isso.

Adentrando nas vivências no Anexo Secreto, compreenderemos que houve diversas mudanças cotidianas diante as ações que eles poderiam ter, se esses sujeitos, os judeus, já estavam tendo limitações nessa sociedade antissemita, com uma falta de liberdade em diversos âmbitos, aqui, isso é ampliado.

O bombeiro hidráulico esteve trabalhando lá embaixo na quarta-feira, puxando os tubos e os drenos do banheiro para o corredor, para que a tubulação não congele no inverno. A visita do bombeiro esteve longe de ser agradável. [...] ter de ficar parada o dia inteiro, sem dizer uma palavra. [...] Em dias normais nós temos de falar em sussurros; não poder falar nem se mexer é dez vezes pior. Depois de três dias constantemente sentada, minhas costas estavam duras e doloridas. (Frank, 2022, p. 57-58)

Essa é uma das principais nuances dessa parte da vida da autora descrito em seu diário, na sua nova vida, era necessário um cuidado absurdo, a todo momento iam sujeitos trabalhar

nesse prédio, esse é um dos exemplos, onde um trabalhador foi consertar e melhorar a encanação do prédio. Foram três dias de apreensão, o medo em serem descobertos por essa pessoa os cercou, se não conversavam muito antes, utilizando apenas sussurros para que ninguém os escutasse, aqui, nem isso poderia acontecer, o silêncio precisaria prevalecer.

Portanto, destaco essa primeira grande mudança em suas vidas, onde o silêncio deveria reinar nesse novo ambiente. A autora discorre sobre essas questões cotidianas, onde o simples era difícil de fazer, todo cuidado era pouco:

Margot e mamãe estão nervosas. “psiu... papai. Fique quieto, Otto. Psiu... Pim! São oito e meia. Venha cá, você não pode continuar com a torneira aberta. Ande sem fazer barulho!” Essa é uma amostra do que se diz a papai no banheiro. Quando são oito e meia, ele precisa está na sala. Nada de água corrente, nada de dar descarga no banheiro, nada de andar, nenhum barulho. (Frank, 2022, p. 142)

Nem ações básicas como se locomover livremente ou questões higiênicas como dar descarga após fazerem necessidades, lavar as mãos, entre outros, eles poderiam fazer. Assim, mostrar-se-ia, a falta de livre arbítrio que esse povo e família vinha cada vez mais sofrendo.

Outrossim, mesmo essas situações sendo precárias e totalmente piores as quais essa família vivia, ainda era melhor do que viver em um campo de concentração nas condições desumanas que ali perpetuavam. Todavia, as presentes abordagens trágicas, mostram que, mesmo em um esconderijo, sem a tortura física imposta pelos nazistas, havia sofrimento, que não deve ser esquecido, menosprezado ou desvalorizado, mas sim estudado. Dessa forma, estaremos dando relevância para essas questões que jamais devem ser deixadas de lado.

Salienta-se que não era como se os judeus do anexo não pudessem conversar, lavar as mãos ou ter quaisquer atos que pudessem gerar sons, essas questões se perpetuavam de forma rigorosa durante o horário comercial daquela empresa, onde havia fluxo de funcionários e pessoas no prédio, portanto, o cuidado seria e era maior. Os momentos que tinham uma pequena liberdade eram nos feriados e fins de semana, e as vezes, à noite.

Para ampliar essa perspectiva, onde a liberdade dos judeus do anexo estava escassa, sendo quase nula, comprovando as mudanças agressivas que ocorreram na vida da autora por ela ser uma judia, apresentarei outras abordagens, a qual uma delas é a saúde e o direito a ela.

Antes, quando qualquer membro da família Frank ficasse doente, eram levados a um hospital ou contratariam um médico que atendesse a domicílio, a autora destaca que sua família tinha condição, tanto pela parte da família de seu pai como de sua mãe, isso não quer dizer que eram ricos, mas que tinham uma condição acima da média, principalmente diante a sociedade que viviam. Desse modo, eram pessoas capazes de custear questões que remetesse a sua saúde sempre que fosse necessário, no Anexo Secreto, isso foi completamente mudado.

Nesse ponto de suas vidas, se ficassem doentes, não poderiam chamar um médico mesmo que precisassem “Estou muito preocupada. Papai está doente. Está coberto de pintas e com febre alta. Parece sarampo. Imagine só, nós nem podemos chamar um médico!” (Frank, 2022 p. 69) isso tudo gerava apreensão, angústia, medo em ficarem doentes, e até mesmo, na pior das hipóteses, poderiam chegar ao ponto de verem as pessoas que amavam morrerem em um canto qualquer do Anexo Secreto, já que não tinham o devido suporte necessário para as suas saúdes.

Isso afetava diretamente suas saúdes físicas e mentais, em muitos momentos, os membros da família Frank eram levados aos seus extremos emocionais e psicológicos. Nos aprofundado nessas pautas, a autora ainda diz que “Não imagina como é horrível ficar doente, aqui. Quando queria tossir — um, dois, três — enfiava a cabeça debaixo das cobertas para abafar o ruído.” (Frank, 2022, p. 162). Essa citação complementa e corrobora com as abordagens anteriores, onde, até para tossir, em um estado de saúde fraca da escritora, o dever em preservar o silêncio, consequentemente as suas seguranças, tinha que imperar, independentemente de suas condições físicas ou emocionais.

Entrando na esfera educacional, seus estudos foram comprometidos, ir até alguma escola não era mais viável. Se dias antes de irem ao Anexo Secreto, diversas escolas já estavam proibindo que judeus estudassem nelas, nesse ponto, nem escolas israelitas, mesmo que os aceitassem, seria mais possível, pois, sair dos seus esconderijos, estando nas condições de pessoas que estavam sendo procuradas pela SS (Schutzstaffel), seria arriscar as suas vidas, mesmo o estudo sendo algo imprescindível, a sua sobrevivência era maior. Logo, seu acesso aos estudos estava negado.

O viés econômico da família afundou, o pai da autora não estava mais trabalhando, consequentemente sua renda foi cortada. Diante disso, mais um medo emerge nas dependências do anexo, seus mantimentos, os mesmo que com dificuldade, juntaram por um tempo, em algum momento iriam acabar, para qualquer lado que essa família olhasse o medo parecia se sobressair.

Medo de serem pegos pela SS (Schutzstaffel), medo de fazerem barulho e algum sujeito do prédio os denunciassem, medo de morrerem prostados em um canto por não terem suporte as suas saúdes, medo de quando seus mantimentos acabassem, morrerem de fome, o medo da morte os cercava de todos os lados.

Todos esses pontos são questões internas, no anexo, todavia, ainda ocorriam diversas questões no âmbito externo, ao redor da família e de seu esconderijo, não é necessário nem

estendermos para muito longe, como nos campos de batalha ou nos de concentrações, na sua vizinhança, ao seu lado, estavam acontecendo ataques, bombardeios e mortes.

A qualquer momento o prédio que ficava o Anexo Secreto poderia ter o azar, se é que podemos chamar dessa forma, de ser alvejado por uma das várias bombas que essa região estava recebendo.

No domingo, a parte norte de Amsterdam foi severamente bombardeada. Parece que houve muita destruição. Ruas inteiras em ruínas, e vai demorar um bocado para resgatarem todos os corpos. Até agora, houve duzentos mortos e incontáveis feridos; os hospitais estão lotados. Ficamos sabendo de crianças perdidas que procuram os pais entre as ruínas fumegantes. Ainda estremeço ao pensar no ronco surdo à distância, indicando a destruição que se aproximava. (Frank, 2022, p. 123)

Dessarte, percebe-se que a morte, destruição e sofrimento não se limitava somente aos campos de batalhas ou aos campos de concentrações, ruas com diversos civis eram alvo de destruição em massa, ocasionando morte de dezenas, centenas de pessoas. O medo só aumentava, já não se sabia onde poderia ser seguro, a qualquer momento um dos aviões que sobrevoavam o Anexo Secreto poderia destruí-lo, seja por acidente ou por efeito da guerra, essas pessoas só conseguiriam se sentir seguras, após esse conflito e preconceito com os seus acabar.

A casa tremia e as bombas continuavam caindo. Eu estava agarrada com minha sacola de fuga, mais por querer segurar alguma coisa do que porque queria fugir. Sei que não podemos sair daqui, mas, se tivermos de fazer isso, sermos avistados na rua seria tão perigoso quanto sermos apanhados num ataque aéreo. (Frank, 2022, p. 124-125)

Novamente, onde quer que a família de judeus olhasse, na tentativa de refletir sobre sua situação e em como prosseguiriam, mesmo assim, não havia resposta ou solução segura entre as opções que tinham, seja entre ficar ou sair do anexo, o perigo reverberava as esferas internas e externas dos judeus.

Diante disso, é notável as situações extremas que o povo judaico estava sofrendo, não está em um campo de concentração, não significa que não havia sofrimento. A família Frank viveu perante sofrimentos de diferentes áreas, sendo expostos a situações extremas e, mesmo que diferente das torturas sofridas por milhares de judeus, no momento em que viviam no anexo, seus sofrimentos não devem ser descartados ou desvalorizados.

Essa é a Outra Face do Holocausto, a partir de um olhar maior para esse âmbito, é que alcançamos uma maior profundidade nas diferentes formas de sofrimentos que os judeus sofreram perante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, o diário de

Anne Frank mostra-se como um importante documento histórico que nos ajuda a enxergar que o horror não se limitou aos campos de extermínio.

A partir da análise dessa fonte, percorremos por diversas áreas e esferas desse sofrimento, tais como, a perseguição massiva ocorridas a esse povo, a negação de identidade que lhes foi imposta, as nacionalidades que lhes foram retiradas, onde diversos judeus nascidos na Alemanha se tornaram apátridas, perda de lares, de empregos, estudos, de direitos, de bens e de famílias. Mortes extremas, números expressivos de desaparecidos, pessoas tendo que viver em situações precárias, drásticas, escondidas ao ponto de não terem mais liberdade, sem direito de escolha, sem poder andar nas ruas, ir a uma escola estudar ou a um hospital quando quisessem cuidar de suas saúdes.

Desse modo, ressalto-a que essas abordagens só foram alcançadas mediante o estudo profundo da escrita pessoal de Annelies Marie Frank, a Análise de Conteúdo e a Revisão Bibliografia conversaram entre si, fomentando resultados que mostram que a produção de seu diário, durante as ações diretas e indiretas dos nazistas contra sua família e aos demais judeus, foram atos de resistência.

O intelectual Bosi complementa essa perspectiva, a qual ele nos diz que “a resistência é um conceito originalmente ético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia.” (Bosi, 2002, p.118)

Essa foi a forma que a autora encontrou de lutar, persistir e resistir, de não ser apagada ou silenciada. Anne Frank não precisou usar armas, ser um político, um sujeito social famoso ou até mesmo relevante perante os respectivos momentos da Segunda Guerra Mundial, pois como explana o intelectual Raul Hilberg “a resistência não se limitou às armas, ela se deu também no ato de preservar a cultura, a fé e a dignidade” (Hilberg, 2016, p. 23).

Foi no ato de escrever, mesmo que para ela mesma, permeando assim a escrita de si, que a jovem autora conseguiu mostrar as condições e sofrimentos que os judeus sofreram além dos campos de concentrações, o que só amplia e complementa a história e perspectiva daqueles que tentaram silenciar da História. Seu relato nas mãos de historiadores se torna um importante documento. Portanto, diante de todo o exposto, o seu diário, a sua escrita e relato, mostram-se imprescindível para a temática estudada.

4. LIMITES, CUIDADOS, PROBLEMÁTICAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO DIÁRIO COMO FONTE HISTÓRICA

Ao analisarmos uma fonte, devemos ter um cuidado metodológico rigoroso e, quando adentrarmos em documentos pessoais do âmbito privado, esse ofício, tem de a ser ampliado. Esses relatos, por mais que sejam tendenciosos, devem ser tratados com imparcialidade para que isso não afete os resultados buscados. Diante disso, esse capítulo tem como objetivo explorar e discutir os principais desafios que nós historiadores encontramos ao utilizar o diário como fonte histórica, nesse sentido, destacarei lacunas, limites, possibilidades e problemáticas acerca desse documento.

De primeira instância, é válido ressaltar que o diário, perante sua escrita pessoal e subjetiva, não era valorizado como uma boa fonte a ser analisada, a sua historiografia nos mostra isso. Autores como Ângela de Castro Gomes (2004) Maria Teresa Cunha (2009) e José D' Assunção Barros (2012) são alguns dos intelectuais que abordam isso, onde suas obras trazem abordagens que tal fonte era desvalorizada antes da segunda metade do século XX, exceto, escritos de pessoas renomadas socialmente no período em que escreveram.

A exemplo disso, as cartas de Napoleão Bonaparte, os escritos de Pero Vaz de Caminha, os diários da rainha Vitória do Reino Unido, as anotações de Thomas Jefferson, as cartas de Winston Churchill, esses exemplos servem para nos situarmos e entendermos que os escritos de sujeitos com renome social, vinham crescendo perante o século XIX, XX e já eram considerados fontes com um certo nível de relevância, o que difere dos que eram produzidos por pessoas comuns.

Esses relatos, testemunhos com base na escrita íntima de pessoas desconhecidas nas sociedades em que viviam, não eram valorizados ao ponto de serem estudados, destarte, não eram considerados documentos relevantes.

Todavia, a historiografia perante esse documento irá mudar, à medida que, na atualidade, temos perspectivas mostrando que fonte histórica é:

[...] tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. Neste sentido, são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador. (Barros, 2012, p. 130)

Outrossim:

Escritos à mão, sobre si e em geral, para si mesmo, em grossos cadernos escolares, ilustrados com recortes e colagens, praticados na intimidade, relatando fatos e situações com riqueza de detalhes, os diários femininos se constituem tanto em refúgios do eu como repositórios de lembranças. Forma típica de escritura feminina desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, está escrita atinge, na atualidade, ampla repercussão social, política e cultural já que a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante: onde a visão do sujeito comum/ordinário adquire importância e onde as ações da experiência cotidiana estão sendo cada vez mais valorizadas principalmente na escrita biográfica e autobiográfica. (Cunha, 2005, p. 1)

Maria Teresa Cunha nos mostra a relevância que essa escrita veio ganhando ao longo do tempo, a qual, tendo esse registro pessoal e intimista como fonte de análise, podemos adentrar em detalhes que muitas vezes podem passar despercebidos quando só olhamos diante um ponto de vista. A escrita de um sujeito social, mesmo que não seja uma pessoa de renome, deve ser considerada como uma ferramenta rica de pesquisa perante intelectuais que trabalham procurando as entrelinhas de seus estudos históricos. Portanto, o diário é uma fonte histórica de importância indiscutível, o que pode e deve ser discutível, é a sua veracidade como fonte.

Jamais devemos tratar nossa fonte de pesquisa, seja ela qual for, como uma verdade absoluta, no sentido de que, o que foi descrito e exposto seja 100% verídico, esse é um dos limites que devemos impor ao nosso documento de estudo, o diário não foge disso. Devemos sempre ponderar suas informações, conferindo se o seu teor de verdade condiz com a realidade dos fatos descritos. Nesse caso, uma das possibilidades que destaco é a ampliação nos métodos de pesquisa.

Tomando como ponto partida e reflexão o documento escolhido para essa pesquisa, adotou-se como metodologia a Análise de Conteúdo. Essa abordagem permitiu um maior aprofundamento nas entrelinhas da escrita da autora, revelando nuances contextuais e reflexivas de grande valor à temática estudada. Contudo, embora essa metodologia amplie nossas perspectivas, ela também pode induzir a uma imersão excessiva no viés narrativo da história da fonte, fazendo com que o pesquisador fique preso às descrições oferecidas pelo próprio autor.

Quando isso ocorre, há um grande risco de se incorrer a uma leitura parcial, mesmo que de forma involuntária. Por consequência, ocorrendo isso, a verdade do autor da fonte irá se sobrepor sobre à análise crítica dos fatos, restringindo a investigação e limitando o estudo do documento. Essa é uma das principais problemáticas que destaco ao utilizar essa escrita como foco e base de uma pesquisa histórica, desse modo, torna-se imprescindível se atentar a tais pontos mediante seu uso.

Por muito tempo, a imensa subjetividade de fontes íntimas, com descritos pessoais e privados, afastou diversos pesquisadores à utilizá-la “esses documentos que foram, durante muito tempo, desconsiderados por historiadores envolvidos com modalidades de História “racionais”, dita científicas, não-emotivas, inauguradas pela modernidade” (Cunha, 2009, p. 252) e, mesmo essa perspectiva mudando com o tempo, onde na atualidade mostra-se como uma rica fonte de estudo, com diversas possibilidades de conhecimento histórico, ainda sim, há relutância em usá-la mediante os limites e problemáticas citados.

Uma das formas de evitar a limitação interpretativa causada por uma imersão densa na análise de diários, é a ampliação dos métodos que usamos ao estudarmos uma temática e fonte em questão. Ao fazermos isso, estaremos evitando a possível parcialidade diante da narrativa exposta dos autores e falsa ilusão de uma veracidade concreta.

Nessa pesquisa, conforme já mencionado, foi utilizado a Análise de Conteúdo como ferramenta investigativa, porém, como objetivo de ampliar nossa compreensão acerca do respectivo estudo e evitar as problemáticas citadas, ampliou-se os recursos e abordagens com outra metodologia, a Revisão Bibliográfica.

Essa metodologia pode ser aplicada de diversas formas, no entanto, no contexto dessa investigação, ela cumpre o papel de enriquecer a análise da fonte primária por meio do diálogo com estudiosos e pesquisadores que tratam temas semelhantes aos abordados no diário. Em outras palavras, busca-se contrastar e contextualizar os relatos íntimos de Anne Frank com reflexões historiográfica e teóricas já consolidadas.

Agindo dessa forma, isso nos permitirá termos uma visão mais crítica e ampla, evitando que a pesquisa se limite exclusivamente à perspectiva da autora. Dessa maneira, faz-se possível examinar se os descritos no documento analisado realmente correspondem, ou não, à realidade histórica. Igualmente, promove uma análise mais equilibrada e imparcial mediante a combinação dessas duas metodologias, além de confrontar diferentes interpretações sobre os eventos narrados no diário.

Ao usarmos como recursos contribuições de intelectuais que abordam a Segunda Guerra Mundial, adentrando no Holocausto, Antissemitismo, organizações nazistas, contextos e sofrimentos dos judeus presos nos campos de concentrações e extermínio, dos foragidos e perseguidos, mostrando suas vivências após a implementação das Leis de Nuremberg e demais pautas debatidas, torna-se possível criar uma rede de referência que ampliam o alcance interpretativo e crítico da fonte.

Esse diálogo entre a narrativa pessoal de Annelies Marie Frank e as vozes da historiografia colaboram-se e complementam-se para identificarmos pontos de convergência e

divergência entre a memória individual da autora e os registros coletivos da história, sendo fundamental levar em consideração que:

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (POLLAK, 1989, p. 4)

Aqui, entramos em outro ponto necessário, a qual devemos ter um cuidado minucioso com relação à questão das memórias. Ao estudar uma temática histórica, deve-se atentar às disputas de memória que podem se instaurar, intelectuais como Michael Pollak (1989, p.4) destacam que “A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes”. Isso significa que, ao abordar um tema, o pesquisador irá se deparar com versões e reconstruções do passado, carregados de intenções, omissões e significados.

No contexto desse trabalho, entram no debate muitas memórias, a dos judeus perseguidos, a dos nazistas e daqueles que compactuavam com suas ideologias, a narrativa construída por Anne Frank em seu diário e, ainda, as memórias intermediadas, como leitores e estudiosos da obra. Portanto, todas essas camadas precisam ser consideradas diante a temática e objetivo de pesquisa do pesquisador, visto que, cada estudo abrange memórias e narrativas diferentes.

Fomento essa abordagem dialogando com Maria Teresa Santos Cunha, a autora nos diz que “Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem, e cabe ao historiador enraíza-la/problematizá-la no rol das experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva.” (Cunha, 2005, p. 2)

Portanto, deve-se ter isso em mente antes de adentrar nas análises dessas fontes, tendo esse cuidado a mais, o historiador não se limitará a uma única perspectiva e não cairá nessa problemática. Assim, ele perceberá que uma narrativa histórica pode mudar a partir da implementação de novas memórias que mostram outras perspectivas diante seu estudo, nesse momento, mesmo que as memórias entrem em disputa diante sua pesquisa, ele conseguirá lidar com elas.

Ampliando os cuidados que devemos ter, Márcio Couto Henrique e Sara da Silva Suliman trazem contribuições pertinentes para essa questão:

Em primeiro lugar, cabe fazer breve reflexão sobre a especificidade do diário íntimo enquanto fonte histórica. Trata-se de documento bastante sedutor, eis que envolto sob

o invólucro da sinceridade, armadilha para a qual o professor-pesquisador deve estar atento. (Henrique; Suliman; 2012, p. 30)

Nesse sentido, para complementarmos o âmbito da veracidade da nossa fonte escolhida e não cairmos nas possíveis seduções e armadilhas que esse documento pode trazer, devemos sempre indagá-la, questioná-la, com perguntas que nortearão a sua pesquisa e responderão indagações cruciais sobre sua fonte, somos investigadores e devemos agir como tais. Mesmo que não ajam perguntas universais, no sentido de servirem para qualquer documento histórico, trarei algumas que podem fundamentar e complementar uma pesquisa diante uma escrita pessoal.

O que você busca em um diário? Um historiador não deve ser um sujeito perdido, ele tem que ter um foco que o guiará para o objetivo que ele busca. Nesses documentos há uma imensidão de possibilidades, saber o que se quer antes de começar a analisá-los é fundamental. Relativize sua fonte, descubra quem a escreveu, os motivos de sua escrita, o recorte temporal e espacial a qual está inserida, o contexto do autor, o seu local de produção, quais assuntos e temas ele aborda, as suas condições, se ela se insere no âmbito público ou privado, se a escreveram no intuito de divulgá-la ou não.

Construa hipóteses e as problematize. As informações descritas realmente condizem com a realidade? Investigue o mais profundo possível antes de finalizar sua análise. É questionando sua fonte que se conseguirá enxergar as nuances e entrelinhas de sua história e escrita.

Saber qual o âmbito que sua fonte histórica está inserida é de extrema importância, nesse sentido, ela pode permear perante duas esferas principais, a pública e a privada. Nas abordagens privadas, os diários são produzidos em silêncio, a qual os autores escrevem seu cotidiano, suas vivências e diversos aspectos pessoais, expondo suas emoções a partir da sua escrita, o papel se torna o seu melhor e mais confiável amigo, permeando assim, a escrita de si (Gomes, 2004).

Nessa perspectiva, e conforme já discutido, o diário de Anne Frank foi definido nessa pesquisa como pertencente ao âmbito privado. Todavia, muitos podem se prender a essa assertiva mediante suas fontes, o que culminaria em um grande problema para os resultados da análise. Um dos motivos para isso é a mudança de perspectiva e esfera que um mesmo documento histórico pode ter, o que confunde, em certos casos, aqueles que se propõem a estudá-los. Portanto, devemos atentar-se a isso.

Não basta somente saber que sua fonte pode se inserir no contexto privado ou público, nosso ofício, se assim quisermos uma análise mais coesa, é compreendermos os motivos que levaram a isso. Esses motivos são internos ou externos? O autor quis mudar a esfera de sua

escrita, saindo do viés particular para o partilhado? Sua escrita sempre foi com foco para si ou tinha intenções de publicá-la? Não discutir e nem se aprofundar em tais pontos, fomentará para que sua pesquisa tenha lacunas.

Diante disso, trago indícios que o respectivo diário que propus examinar, saiu da esfera privada para a pública e, perante suas entrelinhas, consegui perceber os motivos que levaram a autora a esse ponto. Foi a partir de questões externas, uma breve notícia ouvida em um rádio que a autora percebe que sua escrita poderia ganhar relevância e ser lida por outros. Nesse ponto, sua perspectiva, escrita, viés e ações, mudam.

4.1 Mudanças de perspectivas: o externo afetando o interno

Na medida em que avancei minha análise, percebi que questões externas podem afetar diretamente a escrita íntima de um sujeito, mudando assim, o interno de suas perspectivas, perante isso, trago o rádio como principal responsável por essas mudanças. Esse aparelho foi o maior veículo de comunicação em massa e de grande alcance na primeira metade do século XX, participando diretamente e indiretamente na vida cotidiana de milhões de pessoas, Anne Frank foi uma dessas.

Perceberemos que as informações expostas por esse mecanismo, podem atingir o pensamento de seus ouvintes, influenciando mudanças em suas ações. Desse modo, percebi que seu uso foi extremamente importante para o diário de Anne Frank ter saído do âmbito privado para o público.

Atentemos, então, para a seguinte passagem:

O ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês transmitido da Inglaterra, declarou que depois da guerra farão uma coletânea de diários e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo se lembrou imediatamente do meu diário. Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. (Frank, 2022, p. 254)

Nesse momento, a ideia da autora de que ninguém se interessaria pelas descrições de sua vida, por ela ser uma jovem mulher judia, levando em consideração o contexto que ela estava inserida durante a Segunda Guerra Mundial, muda. Alguns pontos precisam ser destacados, essa notícia foi escutada em março de 1944, quase dois anos de vivência no Anexo Secreto, antes disso, a autora já destacava que não queria que ninguém lesse seu diário, ele era muito pessoal, intimista e extremamente privado, nenhuma pessoa poderia ter acesso a ele, muito menos direito de divulgá-lo, entretanto, foi a comunicação com o mundo externo por meio do rádio, que seu pensamento sobre isso mudou.

A fim compreendermos isso, precisamos debater um pouco sobre a força de influência que notícias expostas pela rádio podem ter na vida de pessoas. E, para não andarmos na esfera do achismo, trago contribuições de intelectuais que estudam a temática. Gisela Swetlana Ortriwano vai nos dizer que “[...] o papel do rádio é o de estar em perfeita sintonia com as aspirações da sociedade, transmitindo/recebendo informações de todos os tipos.” (Ortriwano, 2004, p.5).

A autora usava esse mecanismo para receber informações da sociedade e seu estado atual, no sentido de se atualizar, pois, a cada dia poderia acontecer algo novo, dias monótonos não existiam, diversas informações precisavam ser ouvidas. A economia, política, conflitos, tudo estava instável, se atualizar foi um dos meios que a autora usou para se apegar a esperança de notícias boas em meio as catástrofes que vinham acontecendo em sua vida.

Em todo o país, as pessoas tentam conseguir um rádio velho que possam entregar em um lugar de seu reforço moral. É verdade: à medida que as notícias lá de fora ficam cada vez piores, o rádio com sua voz maravilhosa ajuda a não perdermos a esperança e a continuarmos dizendo: “Anime-se, mantenha o espírito elevado, as coisas vão melhorar!” (Frank, 2022, p. 116)

Na mesma proporção que o rádio serviu como ponto de esperança, onde ansiavam por notícias boas, o contrário também acontecia, atentamo-nos novamente, mas para enfatizar outra perspectiva, a seguinte citação:

Hoje, só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando todos eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo em Drenthe, para onde estão mandando todos os judeus. [...] Deve ser terrível em Westerbork. As pessoas não tem praticamente nada para comer e menos ainda para beber, já que só existe água uma hora por dia, e há somente um banheiro e uma pia para vários milhares de pessoas. Homens e mulheres dormem no mesmo cômodo, e as mulheres e crianças costumam ter as cabeças raspadas. Fugir é quase impossível; muitas pessoas têm aparência de judias, e são marcadas pelas cabeças raspadas. (Frank, 2022, p.64)

A partir dessa citação e dialogando com as abordagens dos autores tragos, as informações negativas ouvidas deixavam o clima pesado e tenso no esconderijo. Portanto, era uma via de mão dupla, de um lado a esperança, do outro, angústia, medo e receio de notícias ruins, nesse sentido, as informações transmitidas pelo rádio afetavam diretamente os seus ouvintes, logo, esse objeto detinha poder de persuasão.

Ampliando essa linha de raciocínio “A especificidade dessa relação está na capacidade do rádio afetar as pessoas profundamente.” (Bianco, 2018, p.112). Nessa perspectiva, estudiosos como Nelia Del Bianco nos ajudam a fomentar a minha hipótese de que, foi diante disso, que Anne Frank muda sua visão sobre sua escrita e qual esfera ela irá trilhar.

A autora enfatiza que o ato de escutar o rádio pode afetar as pessoas, ocasionando assim, mudanças. Esse ponto ganha mais força quando utilizamos a alteridade, nos colocando no lugar da escritora do diário, não para tomarmos partido por ela ou pelo o que está escrito, já sabemos que devemos evitar agir de tal forma, mas para nos imergirmos de forma mais profunda ao seu contexto e condições.

Desse modo, percebemos que ela não tinha outro meio de comunicação com o mundo externo, com o lado de fora do Anexo Secreto, durante o seu período escondida, além de que em sua época, a comunicação com o mundo externo, de forma mais ampla, não acontecia como na atualidade. Hoje temos televisões com conteúdo 24 horas por dia e de acesso ao público, além da internet que amplia isso com ferramentas de busca, que de forma quase automática, lhe responde o que você quer saber, obviamente, na década de 40 do século XX não era assim, o que também deve ser considerado em relação. Ademais:

A análise apresentada tem como pressuposto que os ouvintes são sujeitos sociais que dão sentido e significado ao que ouvem, assim como participam de uma cosmovisão compartilhada com o conjunto da audiência de cada emissora, constituindo uma comunidade de interpretação da experiência cotidiana de audição de rádio. (Bianco, 2018, p.112).

A ideia parte da premissa de que os ouvintes de uma rádio não são passivos, ou seja, eles não apenas recebem informações sem refletir sobre elas. Pelo contrário, os espectadores são sujeitos sociais, fazem parte de uma sociedade, tendo suas vivências, opiniões, culturas e visão de mundo. E, com base nisso, eles interpretam o que ouvem no rádio, atribuindo significados de acordo com suas experiências pessoais e coletivas. É diante da questão pessoal, o contexto que a autora estava imersa, que o rádio afetou diretamente sua visão sobre sua escrita, o pesquisador sempre deve tomar cuidado com essas nuances.

Notar-se-ia que Anne Frank não agia de forma passiva, ela não era reprodutora do que ouvia, quaisquer pontos escutados serviam de reflexão, reflexões que eram transcritas para seu diário. Ela abordava quais eram as notícias do dia e questionava o porquê os judeus estarem sofrendo tais perseguições, porque ela tinha que ficar o dia inteiro ao lado de um rádio esperando notícias boas, porque não podia estudar, sair para comprar algo, passear e que isso era muito injusto. Adentrava em debates sobre política, discorrendo abertamente sobre suas opiniões contra Adolf Hitler, Benito Mussolini e aqueles que compactuavam com o fascismo, indagava a todo momento o porquê ela e seu povo tinha que sofrer e viver daquela forma.

Ademais, o sofrimento e insatisfação perante as condições que o seu povo estava vivendo, integraliza na reflexão da autora sobre que sua escrita pode ser um importante testemunho que será lido por diversas pessoas se conseguir divulgá-la.

Muitas questões se encaixaram para que essa mudança ocorresse, o apoio e interesse de uma rádio por esse tipo de escrita, dando voz e lugar de fala àqueles que estavam sofrendo, a oportunidade de alcance que a autora viu nesse momento para que seu relato fosse exposto a sociedade e a curiosidade do público nesses relatos intimistas “O interesse pelo rádio, o engajamento da audiência se dá pelo fascínio por histórias humanas. Interesse por tudo que é pessoal e íntimo, pela vida dos outros, pelo que é emocionante e facilmente compreensível, seja pelo local ou pelas pessoas.” (Bianco, 2018, p.118-119).

Portanto, a autora quis que seu diário fosse divulgado, mesmo essa não sendo sua intenção inicial, mostrei que questões externas afetaram as questões internas e pessoais da escritora, culminando assim, em mudanças. Desse modo, a escrita da autora pode ser estudada e catalogada diante o âmbito privado, se referindo aos anos de sua produção 1942 até 1944 e perante a esfera pública, após sua obra ser publicada e ganhar reconhecimento mundial.

Duas perspectivas e abordagens diferentes, que se complementam, podendo ser analisadas tanto individualmente como coletivamente, dependendo sempre, do recorte e proposta escolhida pelo pesquisador.

4.2 Annelies Marie Frank

Annelies Marie Frank ou como é mais conhecida popularmente, Anne Frank, teve a escrita de seu diário interrompida contra a sua vontade quando um de seus maiores medos veio a acontecer. No dia 04 de agosto de 1944, a Gestapo, juntamente com holandeses nazistas, invadem o seu esconderijo e prendem todos os judeus que ali estavam. Nesse momento, suas vidas tornaram-se iguais àqueles que ela torcia e ansiava por melhoras. Eles foram enviados para um dos principais campos de concentração alemão nos Países Baixos, Westerbok, todos sendo classificados como criminosos.

Após um período em Westerbok, local que a própria autora fez debates em seu diário, trazendo opiniões de como seu povo era tratado e do medo que ela tinha de ir parar nele, torna-se o destino a qual a família Frank é enviada. Esses sujeitos foram expostos a condições desumanas, tratados como se fossem um grupo de animais, sendo transportados para o maior campo de extermínio nazista, Auschwitz.

Neste instante, além da dor, da humilhação, dos descasos e condições extremas, o que evidencia a brutalidade que esse regime tratava àqueles que achassem inferiores ou inimigos, a família é forçada a se separar, o que culminou para que seus últimos momentos juntos fossem

cercados de sofrimento, impostos condições de prisioneiros considerados e tratados como escória.

A mãe da autora, Edith Frank, morre sozinha em 1945 aos 44 anos, sua irmã, Margot Frank, transferida para Bergen-Belsen, na Alemanha, contraí tifo e, após dias com fome, frio e trabalho forçado, em uma tentativa de levantar-se de sua cama, cai no chão, o impacto da queda, juntamente com sua extrema debilitação, fazem com que ela não consiga resistir, morrendo aos 18 anos de idade. Em um ato simples, levantar-se de uma cama, foi muito para uma pessoa subjugada fisicamente e psicologicamente a uma das condições mais extremas que um ser humano viveu.

Anne Frank morre logo em seguida aos 15 anos de idade no lugar que ela batalhou e resistiu para não ir. O Anexo Secreto, lugar onde ela viveu para sobreviver e ansiava por dias melhores, foi completamente destruído, dias depois, um dos sujeitos que estava responsável pela limpeza, tirando os detritos daquela bagunça e jogando os entulhos para fora, encontra cadernos bem reservados e cuidados, esses documentos que estavam na posição de lixo naquele momento, eram nada menos do que os escritos de Anne, o seu diário. Mais tarde esses registros chegariam as mãos de seu pai, Otto Frank, o único membro da família que conseguiu sobreviver e consequentemente divulgar ao mundo a história e testemunho de sua filha e demais membros de sua família.

Em relação a tudo que foi debatido e analisado, o diário de Anne Frank mostrou-se como uma rica fonte de estudo, suas possibilidades são imensas, não se prendendo a uma só perspectiva e nem somente ao âmbito histórico.

Dado o seu caráter relacional, o diário íntimo permite – e exige – abordagem interdisciplinar, princípio este tão caro ao ideário educacional dos dias de hoje. Trata-se de prática cultural de constituição de uma identidade estável para si (Psicologia), fazendo amplo uso de experiências com a(s) linguagem(ns) (Português/Letras/Artes) que, expressa a maneira peculiar como um indivíduo situado em determinada configuração social (Sociologia), se relaciona com as questões de sua época e/ou tempo (História), em determinado espaço (Geografia). Como lida com os valores, crenças e descrenças (Ensino Religioso), como aprende a servir-se de seu corpo (Educação Física), como aprende a aprender (Pedagogia).” (Henrique; Suliman, 2012, p.32)

Portanto, ele é interdisciplinar, tendo uma gama extensa de perspectivas que podem ser abordadas, o que mostra a sua riqueza e valor como fonte de estudo. Outrossim, é imprescindível fazermos um recorte que se adeque ao âmbito e resultado que queremos alcançar, para assim, compreendermos qual nicho iremos seguir e não nos perdermos diante sua vastidão, se não fizermos esse ofício, ficará algo ambíguo, sem base ou foco principal. Todavia, isso não quer dizer que o intelectual que utilizar esse documento, deverá focar-se em uma só

vertente, muitas podem conversa entre si, o papel e cuidado do pesquisador será o de fazer o recorte perante a ênfase de estudo escolhida.

Nesse sentido, ressalto que alguns pontos descritos no diário não foram aprofundados, a exemplo da questão de gênero, os sujeitos que ajudaram a família Frank a manterem-se escondidos, os outros judeus que também estavam escondidos no Anexo Secreto, as brigas e desavenças familiares que ocorriam, os romances ou devaneios que a autora discorria perante os anos de sua escrita. Contudo, não foi no sentido de esquece-los, desvalorizá-los ou desqualificá-los, mas sim porque a proposta da análise era diante outros âmbitos e pontos que nortearam a pesquisa.

Desse modo, o intuito não era adentrar em todas os diversos vieses, esferas e pautas que poderíamos extrair do diário de Anne Frank, a pesquisa se tornaria superficial, ambígua, onde, tentar abranger tudo que ela pode descrever, tornar-se-ia uma problemática diante sua imensidão como fonte. Destarte, o historiador deve saber fazer recortes, dessa forma, ele conseguirá se imergir diante aquilo que pretende estudar, conseguindo assim, resultados mais profundos e coesos perante seu foco e objetivo principal de estudo e pesquisa.

As últimas palavras escritas no diário foram “[...] tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se... se não houvesse mais ninguém no mundo (Frank, 2022, p. 345)

Annelies Marie Frank enfrentou o preconceito contra os povos judeus em um período que esses sujeitos foram extremamente perseguidos. A principal ferramenta que ela usou para resistir a essa realidade e para que a voz dos seus não fossem apagadas, foi a sua escrita. Por meio do seu diário, com o ato de escrever, mesmo que inicialmente para si mesma, tornou-se possível ampliar os estudos perante essa temática.

É por meio de registros como o dela que podemos compreender, com maior profundidade, as condições desumanas enfrentadas e vivenciadas por esses sujeitos, além das formas que usaram para sobreviver durante a Segunda Guerra Mundial, adentrando e compreendendo assim, as entrelinhas dessa história.

Suas ações em registrar o seu cotidiano, sem se deixar ser silenciada ou aceitar-se àquilo que outros definiam que era certo ou errado, foi seu ato de resistência a todas as condições que lhes impuseram. A caneta e o papel foram suas armas diante uma guerra que devastava milhões de vidas em uma escala mundial.

E, diante suas ações, sua escrita tornou-se uma fonte, um importante documento de estudos históricos que abrange o âmbito público e privado. O seu diário adentra na escrita de si e a produção do eu, revelando contextos, situações e nuances que vão além das narrativas nos

campos de concentrações. Traz reflexões críticas, históricas, sociais e religiosas a partir de uma perspectiva mais íntima, com um grande detalhe, uma visão vista de baixo, que rompe a barreira de visões elitistas, institucionais e reconhecidas, até certo ponto, como oficiais.

Nesse sentido, seu documento trata-se de uma narrativa que mergulha no cotidiano daqueles que viveram sob as condições extremas que foram debatidas na pesquisa, conferindo assim, lugar de fala ao oprimido e não ao opressor, resgatando e ampliando as vozes daqueles que tentaram silenciar.

Desse modo, o diário de Annelies Marie Frank amplia sua condição, saindo de uma escrita e relato pessoal, para uma ferramenta de resistência, memória e aprendizado. Sua narrativa dá suporte a memória do holocausto, sua contribuição subjetiva contribui de maneira significativa para o ensino de história, permitindo que historiadores, pesquisadores e estudiosos se aproximem das vivências desses sujeitos históricos. O estudo dessa escrita e fonte nos ajuda a preservar a história, a qual as atrocidades desse passado jamais devem ser esquecidas ou desvalorizadas, é compreendendo suas entrelinhas, diferenças e permanências que conseguiremos uma pesquisa mais ampla e coesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a pesquisa mostrou formas de como podemos analisar o diário como fonte histórica, trazendo um debate sobre a sua historiografia, a importância em identificar e compreender os contextos que o autor está inserido, se isso e, questões externas, podem afetar uma escrita pessoal. Outrossim, os cuidados, lacunas e problemáticas acerca dessa fonte também foram enfatizados e, por mais que possam demonstrar-se ser como um grande desafio, isso não deve desvalorizá-la e nem afastar àqueles que querem estudá-la.

A partir desse tipo de documento, conseguimos imergir em uma gama de possibilidades que as entrelinhas de suas escritas e histórias podem nos mostrar. Nesse sentido, a pesquisa tenta ampliar as visões acerca dessa fonte, pois, mesmo que estudos nessa perspectiva tenham ganhando uma ampliação no século XXI, ainda é pouco em comparação as infinitas capacidades e alternativas de estudos que podemos usar tendo ela como base.

Assim, os objetivos propostos foram alcançados e os resultados mostraram-se satisfatórios diante da proposta. Minha hipótese inicial, onde questões externas podem afetar questões internas, ocasionando assim, mudanças, foi bastante enriquecedor para entendermos o porquê da mudança grande em relação aos próprios pensamentos, perspectivas e desejos iniciais da autora mudarem.

Tudo tem um motivo, cabe a nós pesquisadores enxergá-los, indagá-los e debatermos, fazendo esse ofício, ampliaremos nossa visão e contribuiremos para as temáticas que nos propusermos a estudar. Nesse sentido, espera-se que este trabalho agregue e fomente possíveis discursões acerca do diário como fonte histórica.

REFERÊNCIAS

Fonte:

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2022.

Bibliografia:

ANDRADE, Fernanda Jaime. A escrita de si: história e memória no diário de uma adolescente (Castanhal, 1990-1994). In: **XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, Florianópolis, SC. ANPUH, 2015.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARBOSA, Josefa Robervania de Albuquerque. A luta dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial: É Isto um Homem e o Diário de Anne Frank, duas faces do mesmo acontecimento. **Revista de História Morrinhos**, v. 11, p.1-19, UEG, 2022.

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 25, p. 407–429, 2012.

BARROS, José D' Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, p. 129-159, 2012.

BIANCO, Nélia Del. Rádio e memória do cotidiano. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Uberlândia, v. 7, p. 111-123, 2018.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. In: Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRITO, Ingrid Zacarelli. **Cadernos íntimos diários publicados: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

COELHO, Marlon Douglas Martineli; PIROZI, Anízio Antônio. A Schutzstaffel e a Indústria do Mal: Aparentamentos sobre a Origem e o Poder de uma Instituição Nazista. **Revista Transformar**, v. 13, p. 79-88, 2019.

COSTA, Eduardo. **Waffen-SS: a tropa de elite de Hitler**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2013.

CRUZ, Viviane Barbosa. **Um pássaro canoro em busca de liberdade: o diário de Anne Frank, um estudo do trauma histórico e da resistência judaica (1942-1944)**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Alagoas - UFAL, 2021.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (orgs.) Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: **Mulheres**, p. 159-180, 2000.

CUNHA, Maria Teresa. Viver, escrever, guardar: um estudo sobre diários pessoais. **Simpósio Nacional de História**, v. 23, 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História**, p. 115-142, 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)arquivar**: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo; Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Vega, Passagens, 1992.

GALINDO, Cleusy Araújo. Nazismo alemão e as leis de Nuremberg: Sentimento de poder ou ódio. Guarujá-SP: **Revista Intraciência**, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. In: A título de prólogo. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 1-6, 2008.

HAUSSEN, Doris Fagundes. O poder de mobilização do rádio. In: **Congresso Brasileiro De Ciências da Comunicação**. Recife, 1998.

HENRIQUE, Márcio Couto; SULIMAN, Sara da Silva. Diário íntimo: fonte de pesquisa e instrumento pedagógico. **Anuário de Literatura**, v. 17, n. 2, p. 27-44, 2012.

HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. 1. ed. São Paulo: Amarilys, 2016.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JÚNIOR, José dos Santos Costa; MACIEL, Raquel Silva. **Infância, história e testemunho**: "O diário de Anne Frank" e uma cultura da memória da Shoah. *Temática*, João Pessoa, v. 17, p. 81-94, 2021.

KRASOTA, Ingrid Maria Silva. **O diário de Anne Frank: a narrativa de testemunho no gênero autobiográfico**. Monografia - Universidade Católica de Brasília - UCB, Brasília, 2014.

LONGERICH, Peter. **Heinrich Himmler**: uma biografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MCDONOUGH, Frank. **Gestapo**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

MONTEIRO, Jessica; ARAÚJO, Angêlica. Arquivos Pessoais: os diários e a construção da memória. **Geoconexões online**, v. 1, n. 1, 2021.

NEVES, Leonardo dos Santos; PINTO, Helder de Moraes. O diário é uma série de vestígios: possibilidades de análise de narrativas autobiografias como método de pesquisa para a História da Educação em Minas Gerais. **Anais do XVIII Encontro Regional da ANPUH**, 2012.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 7, p. 4-21, 2004.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.); LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. CUNHA, Maria Teresa. In: Diários Pessoais: territórios abertos para a História. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, p. 3-15, 1989.

RAMOS, T. R. O. Querido diário: agenda é mais moderno. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (orgs.) **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 191-202.

SANTOS, Marta Magalhães dos. **Um olhar sobre o “Diário de Anne Frank”**. Dissertação (Mestrado) – ISPA, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, 2012.

THIES, Vania Grim (org.). **Arquivos pessoais: fontes potenciais em baús escondidos**. São Paulo: Criação, 2023.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA

1. Identificação do material bibliográfico:

[X] Monografia [] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História

Centro: Ciências Humanas

Autor(a): Mathheus Cavalcante Espíndola Pinto

E-mail (opcional): _____

Orientador (a): Prof. Dr. José Lins Duarte

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI) / CSHNB

Membro da banca: Prof. Dr. José Lins Duarte

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Membro da banca: Prof. Dr. Rafael Ricardo da Silva

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Membro da banca: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Titulação obtida: Licenciatura em História

Data da defesa: 03/07/2025

Título do trabalho: ANALISANDO O DIÁRIO COMO FONTE

HISTÓRICA: O Diário de Anne Frank (1942-1944)

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: ☒

Parcial: ☐. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos - Piauí Data: 14/07/2025

Assinatura do(a) autor(a): Mathews Cavalcante Espíndola Pinto